

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

O SERTÃO E O  $\infty$  (NEUTRO) NA COSMOVISÃO DE  
RIOBALDO

Dissertação submetida à Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em  
Letras - Literatura Brasileira.

TISEKO YAMAGUCHI

abril de 1978

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção  
do título de

MESTRE EM LETRAS - ESPECIALIDADE LITERATURA BRASILEIRA

e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação.

Prof. Vicente Ataíde - Orientador

Prof. Celestino Sachet - Integrador do Curso

Banca Examinadora: -

---

Prof. Vicente Ataíde

---

Prof. José Carlos Garbuglio

*Celestino Sachet*

---

Prof. Celestino Sachet

OFERECIMENTO

Ao meu marido

## AGRADECIMENTOS

- Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, ao seu Coordenador, a seus Professores a quem devemos gratificantes experiências no estudo conduzido com responsável seriedade; aos colegas.
- Ao Prof. Vicente Ataíde, orientador desta dissertação, pelo incentivo sempre presente, e pelo discernimento com que nos levou ao aprimoramento da compreensão de nossa literatura.
- À Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel, aos colegas de magistério e aos alunos pelo apoio dado à realização do Curso.
- A todos quantos com suas palavras e gestos de estímulo, com suas sugestões e esclarecimentos, são participantes da elaboração deste trabalho.

# SUMÁRIO

Página

RE SUMO .....	1
ABSTRACT .....	2
INTRODUÇÃO .....	3
CAPÍTULO I : Semas do "Sertão" da Narrativa .....	6
CAPÍTULO II : A Trajetória vivencial e reflexiva de Riobaldo:	
2.1. Antecedentes do Pacto .....	12
2.2. Situação do Pactário .....	20
2.3. Dúalidade de Diadorim .....	30
2.3.1. Implicações e abrangência do Expos- to .....	41
2.4. O Homem e o confronto Deus e Diabo .....	52
2.5. O $\infty$ (Neutro) na Obra .....	57
CAPÍTULO III : Conclusões gerais e Síntese .....	72
NOTAS .....	76
BIBLIOGRAFIA .....	81

## R E S U M O

Percebe-se na condução do enredo de Grande Sertão: Veredas, a existência de dois planos de ação intimamente relacionados, dizendo respeito, um, à objetividade das ações, série de episódios concatenados, outro, ao subjetivo das indagações do narrador com respeito à vida.

Nesta interpretação da vida presente no relato, chega-se a uma formulação que, basicamente, pode ser resumida nas assertivas seguintes:

- a) O  $\infty$  (Neutro) como princípio e fim da humanidade.
- b) A vida ; ou o mundo da dualidade como "travessia" rumo ao  $\infty$  através da coragem.
- c) A percepção do narrador quanto à sua atual condição de ignorância, extensiva ao universo humano da presente narrativa de ficção.

Pelo caráter progressivo de análise, com informações que vão se acumulando interdependentemente ao longo dos capítulos e sub-capítulos, as conclusões, no sentido especificado, só poderão ser deduzidas ao final da dissertação.

O  $\infty$  haverá de conter, em síntese, todas as propostas da cosmovisão da obra.

## A B S T R A C T

We perceive in the plot of Grande Sertão: Veredas two levels of action closely related: one refers to objective actions and episodes, the other, to subjective questions about life.

From the "worldvision" of this narrative, we draw the three following conclusions:

- a) The  $\infty$  (Neuter) as the beginning and the end of the human beings.
- b) The life (the world of duality) as "travessia" (walking) to  $\infty$  through courage.
- c) The perception of Riobaldo of his present condition of ignorance extending to the men of this narrative of fiction.

The conclusions in the special sense referred to above can be detected only in the end of this work, since we have a progressive analysis with accumulated information throughout the chapters and sub-chapters.

The  $\infty$  represents the synthesis of all the points of the "worldvision" we could draw from this work.

## I N T R O D U Ç Ã O

Coordenando as intrincadas experiências e reflexões do narrador-personagem, Riobaldo, chegamos, basicamente, a uma concepção de mundo ou cosmovisão estruturada sobre símbolos que conduzem a uma interpretação metafísica do Universo.

Por "metafísica" entendemos a acepção de René Guénon ao termo, quando o considera dentro do enfoque orientalizante, tendo nas doutrinas hindus o exemplo de abordagem metafísica do universo, excluindo dele as religiões, tais o cristianismo, o judaísmo, o islamismo, impregnadas que são de sentimento e conceitos moralizantes.

Essencialmente o conhecimento do universal, atemporal e anespacialmente considerado, transcende a física, entendida como o conjunto de todas as ciências da natureza; transcende, pois, o material e o contingente do mundo fenomênico, ou o conhecimento do ser na acepção aristotélica do termo, nela incluindo o inexprimível para o qual as palavras e símbolos servem apenas de ponto de apoio à sua concepção.

No campo restrito da Teoria Literária, fundamentados na classificação de Tzvetan Todorov em seu Estruturalismo e Poética, evidenciamos na obra um relato que, com o intuito explícito de compreender, no ato mesmo em que é narrada, a vida vivenciada por ele, Riobaldo, ligam-se as ações interdependentemente, estruturando-se num tipo de enredo que se caracteriza pela "causalidade filosófica", expressão que designa uma narrativa em que "as ações são antes ilustrações, símbolos, de certas idéias ou conceitos". (1)

Faz-se mister, em decorrência da opacidade deste tipo de enredo, percorrermos a trajetória do processo dialético subjacente à estruturação da narrativa, cujo simbolismo não permite a posição cômoda de uma interpretação que permanece e acaba simplesmente nos fatos.

À margem do significado dicionarizante, as palavras adquirem um sentido particular somente deduzível no contexto da obra, o que justifica o comportamento dissertativo deste trabalho, que procura esclarecer e sistematizar os multifacetados sentidos que se condensam num vocábulo, numa situação, numa imagem.

Assim, imanentes nos fatos romanescamente considerados,

e nas digressões do narrador, estruturam-se as idéias que, alegorizadas na obra, vão participar, em seus conceitos, da metafísica oriental acima mencionada, o que corresponde, nas linhas básicas em que são consideradas neste trabalho, à teoria que fundamenta igualmente a cabala, o pitagorismo, a alquimia.

Pretendemos, por meio de informações cumulativas através dos capítulos, e de sua interdependência, atingir a síntese final que se concentra no símbolo figurativo do  $\infty$  (Neutro), análogo aos sentidos que envolvem o "sertão" da terminologia do narrador. Apenas aqui esclarecer-se-ão as últimas colocações postuladas no capítulo I, "Semas do "sertão" da narrativa", como também na análise da personagem Diadorim, e determinar-se-ão as propostas finais do desenvolvimento do trabalho.

Baseamo-nos em obras esotéricas para a elucidação do símbolo acima ( $\infty$ ), sendo de alta valia a leitura de estudos sobre a teoria cabalística (2).

Antes, porém, da pesquisa nesse campo, as conclusões gerais do texto verbal, ou seja, da narrativa de Riobaldo, haviam levantado a hipótese da correlação íntima de sua mensagem com o símbolo, derradeiro signo do Grande Sertão: Veredas, partindo da observação do quadro figurativo onde o  $\infty$  prolifera ao complementar as narrativas de Primeiras Estórias, também em suas derradeiras páginas. Se no conjunto, as estórias, estruturadas pelo Autor no quadro mencionado, evidenciam formar um sistema teórico cabalístico, revelaram na ocasião, alguns quadros considerados particularmente, identidade de sentido com o texto.

A pesquisa confirmou a hipótese, e veio expandir os horizontes da interpretação, elucidando aspectos que nos deixaram perplexos à leitura do romance, tais o simbolismo da cruz no espaço decisivo das lutas, e o caráter altamente complexo da personagem Diadorim, formando ao final um todo coerente, onde estreitamente se inter-relacionam todas as colocações.

A pesquisa extratextual ou extraliterária tem por escopo tal objetivo; proclamando a soberania do texto, é em função do mesmo que ela se constitui, possibilitando ao leitor maior plenitude no usufruto da obra.

Tem hoje o interesse em torno do significado subjacente ao  $\infty$  algumas considerações (3), mas carece tal interesse de um estudo sistematizado, como também, de interpretações da narrativa

sob o enfoque de sentido que lhe corresponde.

Não pretendemos aqui esgotar o assunto, mesmo porque o símbolo em comentário condensa em si toda uma teoria da ciência oculta ou esotérica, que considera as emanções divinas o princípio do Cosmos e de sua unidade.

Julgamos, entretanto, suficientes as informações colhidas para o enfoque específico deste trabalho, para cuja elaboração contamos, também, com o apoio de brilhantes estudos já efetuados no campo da interpretação da obra em foco.

O capítulo I sistematiza os semas do "sertão", termo reiteradamente mencionado pelo narrador, dando, já de início, uma visão panorâmica das posições temáticas do livro.

O capítulo II apresenta o conflito da trajetória espiritual de Riobaldo, personagem e narrador ao mesmo tempo, através de cinco subcapítulos mutuamente dependentes. Por este caráter técnico de apresentação, não poderão ser avaliadas as idéias de um capítulo sem que se estabeleça conexão com as partes anteriormente tratadas. A última parte deste capítulo, "O  $\infty$  (Neutro) na Obra", subcapítulo 2.5, terá um desenvolvimento distinto das demais, em virtude da introdução de fontes extraliterárias de pesquisa, com temporária suspensão da análise intrínseca da obra para identificação do sentido concentrado naquela figura simbólica. Só então voltaremos à narrativa para estabelecermos a conexão símbolo-texto.

O capítulo III conclui a dissertação, enfatizando as propostas essenciais, voltando à visão panorâmica do início, agora não fragmentária, mas sistematizada pelo que o capítulo II possibilitou com o seu desenvolvimento.

Pelo caráter reiterativo dos conflitos do narrador-personagem, obsessivamente impregnando os pormenores da narrativa, para cada conflito basta uma frase exemplificativa, sem a necessária submissão à cronologia, conforme observa José Carlos Garbuglio em O Mundo Movente de Guimarães Rosa. Será este o critério seguido pelo trabalho, respeitando-se a cronologia no que toca aos eventos dentro da linha de ação objetiva do enredo.

## CAPÍTULO I - SEMAS DO "SERTÃO" DA NARRATIVA

Dos enunciados que abaixo transcrevemos, agrupando-os pela acepção comum que se deduz da frase e contexto da obra, o conceito de sertão nesta narrativa adquire sentidos que se estruturam numa unidade espacial, cultural, moral, filosófica, conjunto significativo num sistema universal, totalizante, de interpretação do mundo.

Ultrapassa esse sertão o sentido popularmente consagrado, que se opõe ao meio urbano, de população rarefeita e inculta; ou o sentido dado "mais pela forma econômica predominante, que é a pecuária extensiva", chamando de sertão "a uma vasta e indefinida área do interior do Brasil, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás e Mato Grosso." (4)

Grande Sertão: Veredas cria um sertão de múltiplas conotações:

a) "O senhor ri certas risadas... O senhor tolere, isto é o sertão." (Grande Sertão: Veredas- GSV., p. 9)

"Sertão: êstes vazios. O senhor vá. Alguma coisa, ainda encontra." (GSV., 27)

b) "O sertão é do tamanho do mundo." (GSV., 59)

"O sertão está em toda parte." (GSV., 9)

c) "Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente." (GSV., 235)

d) "Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem a dura nuca e mão quadrada." (GSV., 86)

Na grande dor pela matança dos cavalos inocentes atingidos por Hermógenes e seu bando, Riobaldo comenta:

"E nisto que conto ao senhor, se vê o sertão do mundo." (GSV., 260)

À espera do Hermógenes assassino em Tamanduá-tão para o confronto:

"Adonde estava o Hermógenes? (...) "O Sertão vem?" Vinha." (GSV., 425)

e) Riobaldo evita, intuitivamente, matar o inocente Constância Alves:

"Ah, um recanto tem, miúdos remansos, aonde o demônio não consegue espaço de entrar, então, em meus grandes palácios. No coração da gente, é o que estou figurando. Meu sertão, meu regozijo! Que isto era que a vozinha dizia:- "Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo fincou pé de governar tua decisão!..." (GSV., 355-356)

"O sertão não chama ninguém às claras, mais, porém, se esconde e acena." (GSV., 395)

f) "Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo." (GSV., 121)

"É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é..." (GSV., 12)

g) Grande Sertão: Veredas.

h) "Rebulir com o sertão, como dono? Mas o sertão era para aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela." (GSV., 284)

"O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver - não é? - é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender -a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca..." (GSV., 443)

Os exemplos acima podem ser conduzidos aos grupos significativos seguintes, permitindo-nos observar que estes grupos, baseados na interpretação dos enunciados transcritos (itens a,b, c,d,e,f,g,h), serão desenvolvidos no curso desta dissertação.

Mencionaremos, pois, o primeiro grupo, grupo A, baseado na exemplificação do item "a":

A) O espaço cultural, social e geograficamente discriminado: item "a": no ambiente restrito, a oposição comumente aceita entre sertão e civilização.

B) Expansão do espaço discriminado no grupo precedente, tornando mundo o sertão: item "b": - decorrente da expansão, observamos que o conjunto "A", pertencendo ao conjunto maior "B", anula-se em favor do conjunto que o contém; não somente pelo aspecto da pertinência, mas também pelo predomínio das repetições no livro,

muito mais vastas em termos de mundo que de local. Assim será empregado no desenvolvimento do trabalho.

C) O espaço humano: item "c": suas qualidades espirituais.

D) O espaço valorado, ou seja, impregnado de juízos de valor, a - quilatado segundo princípios morais:

D.1.- a agressão, o crime, males componentes da natureza objetiva e visível do sertão: item "d"

D.2.- o bem, contrapondo-se ao mal, ditado pela parte subjetiva do homem, a natureza divina e persuasiva da interioridade humana, onde o "diabo" não tem acesso: item "e"

Desejamos observar que neste momento estamos apenas agrupando os vários sentidos presentes no "sertão" da narrativa. Veremos, mais adiante, que o "mal" ou o "bem", o crime, a agressão, a benevolência ou a generosidade, são frutos de uma causa, essa sim, a mentora do estado de coisas no mundo.

Assim, não há no Grande Sertão: Veredas a consciência do mal por parte dos jagunços, nem a condenação ao crime em si por parte do narrador, decorrência que ele é do estado de ignorância em que vive a humanidade.

Mencionaremos ainda os grupos seguintes:

E) O espaço interpretado, racional, não valorado: itens "f", "g", "h", formando os três subgrupos seguintes:

E.1.- a natureza dual do sertão: item "f":

- a dualidade do mundo fenomênico: o aparente, o oculto;
- empregaremos o termo "polaridade" para designar a contradição explícita na expressão "tudo é e não é", característica das duas faces do sertão. Queremos com isto significar a unidade de um conjunto que comporta dois pólos extremos opostos, mas complementares. (Esta posição será esclarecida no subcapítulo 2.5., quando, junto com outras unidades significativas, adquire o enunciado acima o sentido que especificamos)

A dualidade do mundo na visão de Riobaldo, sensível ao meio em que vive, vai trazer conseqüências importantes no seu comportamento: o estado angustioso de incerteza diante da impotência em definir a ligação entre os dois aspectos da realidade do mundo.

E.2.- o estado evolutivo do sertão: item "g".

Para fundamentarmos tal afirmação, antes de mais nada queremos observar o fato evidente no grupo "C", identificando o homem ao sertão.

Assim, o homem, também sertão, não se acha marginalizado no título da obra, Grande Sertão: Veredas.

Mas, pelo sinal de pontuação do título (:), aproximando os dois segmentos significativos, "Grande Sertão" e "Veredas", tornando-os semanticamente equivalentes, o "sertão" adquire agora novos semas auferidos da imagem das veredas.

O primeiro exemplo nada mais é que a confirmação do exposto:

"Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão. Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas - e só essas poucas veredas, veredazinhas." (GSV., 79)

É bastante clara a identidade entre veredas e pessoas, sem que, já comentado, não mais constitui informação.

Porém, a expansão do conceito de veredas torna-se elemento importante no contexto da proposição, quando relacionado o termo com aspectos incómunos do mesmo, características que não correspondem ao conceito comumente atribuído, o de um caminho estreito ou senda; a descrição que lhe faz o narrador corresponde à realidade de seu uso na região central do Brasil.

Comparemos ambas as transcrições, a primeira, do próprio texto literário, a segunda, do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Macedo Soares, que aborda vocábulos com grafia ou significado diferente dos de dicionários tradicionais:

"O senhor estude: o buriti é das margens, êle cai seus côcos na vereda - as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um lado e do outro se alinhando, acompanhando, que nem por cálculo." (GSV., 285)

"vereda - sf., em Goiás = arroio. "De Couros a Conceição gastei nove dias para andar 50 léguas, que outros calculam em 45; e até a serra de Santa Ana viajei sempre nas terras altas da serra geral. É uma chapada imensa, onde o viajante tem sempre diante de si campinas extensas, cobertas de abundantes pastos, largos horizontes, várzeas sempre verdes, buritizais formosos, dispersos pelas margens das veredas, (que assim chamam os arroios) de límpidas e cristalinas águas." Viagem à Comarca da Palma, 23."

Queremos chamar a atenção para a referência às veredas como correntes de água, e aos buritis, palmeiras que marcam sua presença nas margens daquelas águas, aspectos citados tanto na descrição do narrador quanto no dicionário.

Ainda reforçando, a explicação do termo é dada pelo próprio Guimarães Rosa ao seu tradutor italiano, Edoardo Bizarri:

"Você sabe, desde grande parte de Minas Gerais (Oeste e sobretudo Noroeste), aparecem os "campos gerais", ou "gerais" - paisagem geográfica que se estende, pelo Oeste da Bahia, e Goiás (...), até ao Piauí e ao Maranhão.

(...) Árvores, arbustos e má relva, são, nas chapadas, de um verde comum, feio, monótono.

"Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo, no alto, em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros.

(...)

"Nas veredas, há às vezes grandes matas comuns. Mas, o centro, o íntimo vivinho e colorido da vereda, é sempre ornado de buritis, buritiramas, sassafrás e pindaibas, à beira da água. As veredas são sempre belas!" (5) - grifo nosso

Pelo que foi considerado, um dos traços distintivos das veredas em comparação com outros lexemas tais o riacho, o ribeirão, é a presença dos buritis: buritis, palmeiras de todas as veredas no dizer do escritor, submetem-se no texto literário às transformações que implicam num contínuo devir através da morte e renascimento perpetuando a vida à beira das águas; não significariam eles, imprescindíveis que são às veredas, conjunto, portanto, de água e buritis, mas também sertão e pessoas, o fluir da vida e da evolução humana através dos seus ciclos de morte e renascimento, tais os buritis de Riobaldo, um símbolo, ao que parece?

E.3.- a experiência necessária no sertão-mundo: item "h": leal à própria personalidade ou no domínio próprio, a atuação humana nas contingências do mundo que a cerca, resultando disto um novo homem através da experiência.

Por estas considerações que deixamos em aberto para es-

miuc-las, explicá-las e complementá-las, verificamos as amplas possibilidades de interpretação do sertão nos seus detalhes de análise.

O multifacetado caráter deste universo significativo haverá de confluír para uma unidade estrutural já perceptível, assim acreditamos, no comentário dirigido até o momento: cosmovi-são que ultrapassa a minimização de um sentido individual, sua universalidade dá ao Grande Sertão: Veredas a grandeza e o fôlego que caracterizam a narrativa épica.

## CAPÍTULO II: A TRAJETÓRIA VIVENCIAL E REFLEXIVA DE RIOBALDO

### 2.1. Antecedentes do Pacto

Três momentos caracterizam a trajetória de Riobaldo - do no que concerne às experiências vividas, tendo como ponto de referência o pacto nas Veredas-Mortas: o antes, o durante, o depois.

Conforme já mencionado pela crítica, dois aspectos se conflitavam em sua ação, um, concernente aos eventos próprios da vida de jagunçagem, envolto nas peripécias da luta armada; outro, subjetivo, na angústia do questionamento de tal viver.

Considerando os momentos que antecederam o pacto, são importantes duas ocorrências que decidiram o rumo de sua vida: a primeira, o encontro que diríamos aparentemente casual, de Riobaldo com o Menino que

"não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas asseado e forte-assim se fôsse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível-o senhor represente." (CSV., 81)

A iniciação que o Menino, como mestre espiritual submete a Riobaldo na idade crítica de aproximadamente catorze anos, tem nas águas, objeto sacralizado, conforme veremos adiante, e em sua travessia, o ritual do nascimento para a consciência de coragem, atributo-mater do homem das águas barrentas do São Francisco.

Foi-nos de muita valia o sentido da iniciação nas águas como ritual da emersão do homem diferenciado, individualizado, trazido pelo estudo de O Mundo Movente de Guimarães Rosa. Esclarece-nos Garbuglio a respeito, fundamentado em Mircea Eliade. Aproveitamos aqui suas idéias, explícita e minuciosamente desenvolvidas no livro mencionado, sem que neste sentido nos adentremos em detalhes, objetivando nossas referências o necessário liame com os enfoques subseqüentes deste trabalho.

Diz Mircea em seu Tratado de História das Religiões:

"Princípio do indiferenciado e do virtual, fundamento de toda manifestação cósmica, receptáculo de todos os gérmenes, as águas simbolizam a substância primordial de que nascem todas as formas (...)" (6)

Nestas águas, "fundamento de toda a manifestação cósmica", contrapõe-se o de-Janeiro, rio verde e claro da narrativa de Riobaldo, e o São Francisco, água vermelha e barrenta na qual se perde o de-Janeiro; subjaz naquela a idéia de impureza, mistura, pois que contrária à noção de beatitude atribuída por Riobaldo às águas cristalinas, como as de de-Janeiro, Urucuia, opondo-se ao temor inspirado em seu ânimo pelo São Francisco. (Este assunto é tratado no subcapítulo 2.3.1.)

Sobre estas águas impuras Riobaldo fora iniciado na lição de coragem transmitida pelo menino singular que do pai herdara as bases do comportamento já em si incorporado, o de "ser diferente, muito diferente..." (GSV., 86), e o de ter medo nenhum.

Se à pureza e mansidão de de-Janeiro corresponde Riobaldo com seus catorze anos e seu mundo de inocência indiferenciada onde todos os meninos são iguais, o caudaloso e desconhecido São Francisco no qual é jogado o barco que o conduz na experiência da iniciação, representaria, no simbolismo daquelas águas, a água barrenta da vida, informe, impura, de onde há de emergir, manifestando, a forma individualizada do homem que se sobressai pelo poder de sua coragem. Neste ritual permanecem o gesto e as palavras do Menino Diadorim: "Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem." (GSV., 85)

Toda iniciação implica a idéia de ruptura de nível, morte de um estado para a ressurreição de outro. O Riobaldo que se pôs a tremer na frágil canoa em direção à outra margem do São Francisco, temendo igualmente a agressão do mulato revivida pelo Menino impassível, volta com uma experiência que não o medo:

"Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome." (GSV., 86)

A lição imanente no ritual iniciático, "Carece de ter coragem...", permanece em Riobaldo, acompanhando-o em toda sua trajetória existencial.

A segunda peripécia marcante diz respeito a Riobaldo já integrado no bando sob as ordens de Zé Bebelo em suas andanças nômades na vida da jagunçagem. Fruto do questionamento sobre a validade daquele viver é o ato que segue:

"Fugi. De repente, eu vi que não podia mais, me

governou um desgosto. Não sei se era porque eu reprovava aquilo: de se ir, com tanta maioria e largueza, matando e prendendo gente, na constante brutalidade." (GSV., 105)

Já se percebe aqui uma sensibilidade inadequada ao jagunço, o que pode justificar seu impulso de fuga: Riobaldo se estremece diante do sofrimento humano, penaliza-se ao ver a leva "daqueles pobres, cansados, azombados, quase todos sujos de sangues secos-" (GSV., 104), prisioneiros de Zé Bebelo contra o grupo do Hermógenes.

Este sentimento que o impulsiona ao ato drástico da fuga, crime na visão daqueles homens, não fora suficiente para sustentá-lo na fuga definitiva, diante do segundo e significativo encontro com o Menino de outrora, então Reinaldo, o jovem jagunço sob as ordens supremas de Joca Ramiro.

Deste encontro, cuja força atrativa lhe impede a fuga, seguindo Riobaldo, o jovem companheiro para as mesmas lides da guerra, nascem as angústias maiores do questionamento sobre o sentido da vida e a validade de sua existência em meio à agressão sem objetivo e ao impulso contido de seu amor pelo antigo Menino, Diadorim, na intimidade.

Se a iniciação aos catorze anos teve por meta a introdução de Riobaldo no mundo diferenciado através da coragem, qualidade necessária à emersão do homem nas águas da vida, espera-se, e este é o impulso natural do leitor diante de tais propostas (7), a realização das mesmas na vida de Riobaldo.

Vejamos, no entretanto, a condição em que se encontra Riobaldo na jagunçagem, observando que a sua situação, revelada no enunciado abaixo, é importante pelo caráter reiterativo com que o narrador o menciona, atitude que prova o deliberado dos propósitos, dando-lhe um sentido que ultrapassa a mera descrição ou apresentação de um fato.

Integrando o bando de Zé Bebelo na luta contra os hermógenes (já, portanto, após o célebre julgamento daquele), caminham, em um dado momento, os três:

"Com Zé Bebelo da minha mão direita, e Diadorim da minha banda esquerda: mas eu, o que é que eu era? Eu ainda não era ainda. Se ia, se ia."  
(GSV., 296)

Desta transcrição enfatizamos dois aspectos:

- o fato de Riobaldo caminhar entre dois personagens a quem se compara: "mas eu, o que é que eu era?"
- sua condição: "Eu ainda não era ainda. Se ia, se ia".

Neste último aspecto deduz-se do enunciado acima, que nas águas barrentas do São Francisco não se dera até o momento, a criação da forma individualizada de Riobaldo: imerso nas vagas, indiferenciado, caminha o herói à mercê das correntes. A consciência de sua situação amorfa é reforçada no que segue:

"De seguir assim, sem a dura decisão, feito cachorro magro que espera viajantes em ponto de rancho, o senhor quem sabe vá achar que eu seja homem sem caráter. (...) Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte." (GSV., 110)

"Zé Bebelo da mão direita de Riobaldo" era o homem de incrível ação e precisão no conduzir a luta, a inteligência prática e astuta talhada para liderança, na arrojada consciência destes atributos.

"Diadorim da banda esquerda" era, na visão do narrador, "o único homem que a coragem dêle nunca piscava; e que, por isso, foi o único" cuja coragem às vezes invejou. (GSV., 324)

Prezando a chefia de Zé Bebelo, enaltecendo Diadorim pela característica de coragem sempre presente, a certeza das decisões e atos destas duas personagens é o que revela o caráter admirado por Riobaldo.

"Carece de ter coragem", carece de se diferenciar, ser dos próprios atos o senhor, conduzir ativamente o próprio destino, fora então, pela falência que suas palavras demonstram, a lição da travessia ainda não absorvida por Riobaldo.

Permanece na memória da velhice,

"Afirmo ao senhor, do que vivi: o mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra." (GSV., 134)

Constatemos aqui, por ora, apenas o fato de que Riobaldo ansiara pela posse da qualidade do ser resoluto, direciona -

dor, tanto quanto Zé Bebelo e Diadorim. Na trajetória pela manifestação desta qualidade virtual, permaneçamos ainda no plano da constatação, citando dois momentos decisivos na experiência do herói, observações já anotadas pela crítica:

- no julgamento de Zé Bebelo, quando sua palavra arrojada, ao mesmo tempo que conciliadora das posições extremas em que se haviam colocado os chefes (morte e liberdade condicional), determina as decisões justas de Joca Ramiro;

- na Fazenda dos Tucanos, pressionando Zé Bebelo com sua resoluta atitude de lhe impedir a traição (encoberta, conforme julga), pronto a assumir o comando para a salvação do grupo após o ato extremo da eliminação do chefe pela morte, caso se comprove a traição.

A sensação que experimenta é importante, pois que revela, intrínseco no narrador, a plenitude somente possível na expressão participante da vontade direcionadora. Perante sua atitude na Fazenda dos Tucanos, Riobaldo exclama:

"E eu mesmo senti, a verdade duma coisa, forte, com a alegria que me supriu: - eu era Riobaldo, Riobaldo! A quase que gritei aquêlê êste nome, meu coração alto gritou. Arre então, quando eu experimentei os gumes dos meus dentes, e terminei de escrever o derradeiro bilhete, eu estive todo tranqüilizado e um só, e insensato resolvido tanto, que mesmo acho que aquêlê, na minha vida, foi o ponto e ponto e ponto. E entreguei o escrito a Zé Bebelo - minha mão espargiu nenhum tremor. O que regeu em mim foi uma coragem precisada, um desprêzo de dizer; o que disse:

"O senhor, chefe, o senhor é amigo dos soldados do Governo..." (GSV., 254)

Entretanto, apesar da capacidade de ação autônoma evidenciada nestes momentos cruciais que bem demonstram a potencialidade latente de comando, Riobaldo foge à responsabilidade do assumir; Recusa o cargo de chefia, indicação de Medeiro Vaz em sua agonia de morte, quando o fato honraria a um jagunço mais afoito. Até aqui, portanto, a condição de indiferenciado e a conseqüente angústia:

"Mesmo com a minha vontade tôda de paz e descanso, eu estava trazido ali no extrato, no meio daquela diversidade, despropósitos, com a morte da banda da mão esquerda e da banda da mão direita, com a morte nova em minha frente, eu senhor de certeza nenhuma." (GSV., 268) - grifo nosso

Chamamos a atenção para o paralelismo já reiterativo aqui, e pela importância que vai assumir no próximo subcapítulo de análise: a situação de Riobaldo entre duas forças, discriminando pela segunda vez as posições laterais e contíguas em que tais forças se encontram: à direita, à esquerda. Comentamos linhas atrás a posição em que Riobaldo se encontra, entre Zé Bebelo e Diadorim, duas personagens-força significativas no julgamento de si, colocando-se à margem da atuação brilhante dos dois companheiros.

Perguntamos das razões da incerteza do herói, tendo ele as potencialidades de chefia e discernimento vislumbradas pelo chefe Medeiro Vaz, e reveladas na atuação contundente em favor de Zé Bebelo no julgamento.

Acreditamos que a página 142 nos traz uma resposta expressiva: não só exprime o julgamento direto do narrador interpretando as causas deste seu procedimento, mas é ela, conforme a análise inter-relacionando suas unidades significativas haverá de demonstrar, a razão capital do seu comportamento e das lutas internas que se tornam a força-motriz da narrativa, o que, conseqüentemente, provoca a angústia da incerteza:

"Acho que eu não tinha conciso medo dos perigos: o que eu descosturava era medo de errar - de ir cair na boca dos perigos por minha culpa. Hoje sei: medo meditado - foi isto. Medo de errar. Sempre tive. Medo de errar é que é minha paciência. Mal. "

Esse apego ao certo ou ao "não-erro" é um caráter bastante enfatizado pelo narrador, tanto por meios diretos, quanto por meios indiretos de afirmação.

Sua personalidade que exige acertos jamais contestados pelo erro, sempre desgostou de "criaturas que com pouco e fácil se contentam " (GSV., 115); carece da certeza de pastos bem demarcados, onde

"o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! (...) Como é que posso com este mundo? (...) Ao que este mundo é muito misturado." (GSV., 169),

diz Riobaldo-narrador. Reitera o pensamento mais adiante:

"Tivesse medo? O medo da confusão das coisas, no mover desses futuros, que tudo é desordem."  
(GSV., 298)

Do exposto acima podemos concluir: o medo de errar provém da incapacidade de discernir a realidade: conclusão não apenas oriunda daquele enunciado, mas igualmente das peripécias que envolvem Riobaldo, fato que veremos no próximo segmento de análise; também outras reflexões que se englobam enfaticamente na unidade das mesmas propostas confirmam nossa posição: atentemos para a importância da afirmação que segue:

Liberdade, ele diz, "ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer. Sou um homem ignorante. Mas me diga o senhor: a vida não é cousa terrível?" (GSV., 233)

Afirmar a existência do encoberto é afirmar também a existência do aparente. Ao observar a objetividade do mundo que se apresenta incompreensível <sup>Fato</sup> em caótica desordem, Riobaldo preocupa-se com o conhecimento da verdade encoberta, energia oculta que a humanidade desconhece, embora intuída, conforme o texto nos informa. (Observar o item E.1. do capítulo "Semas do "Sertão" da Narrativa")

Esta verdade alijadora do erro e da incerteza não pode estar fundamentada no acaso; se assim o fosse, não teria o conhecimento da mesma, razão de ser:- anelado pelo narrador, ("Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer."), deve ter a finalidade de ordenar o mundo objetivo regido por aquela lei. Diz Riobaldo que seu desvelamento trará liberdade; poderia haver segurança e discernimento em meio ao caos do Universo desprovido de inteligência, sem leis que possibilitem tal conhecimento?

Considerando os objetivos buscados pelo herói, determinar nitidamente a dualidade da existência com sua tela de complexos filamentos entrelaçados, agravando este esforço de separação a natureza valorativa dos objetos sobre os quais Riobaldo exige seu discernimento, é ousar então conhecer a alta sabedoria das leis que regem o Universo nas sutilíssimas relações de causa e efeito, ou da lei do encoberto que subjaz ao aparente, "verdade que se carece de aprender", conforme as palavras do próprio narrador.

Tal conceito auferido do texto encontra correspondência assaz semelhante na definição do termo "conhecer" dada pelo livro cabalístico de predição:

"Conhecer es averiguar por medio de las facultades la naturaleza y cualidades de las cosas, perciciendo cada una como algo distinto de lo que no es ella, advirtiendo y entendiendo lo que la distingue y separa de las demás, en lo que respecta a las leyes naturales, conociendo su acción, la progresión que siguen los procesos a que está vinculada y teniendo una idea clara de los efectos a que conduce, por donde se ve que además de ser esas leyes principios de conocimiento invariables, todo lo que podamos conocer tiene, forzosamente, su razón de ser en ellas, sabiendo o no sabiendo lo concerniente a cierto asunto en la medida que nos identificamos o no con la ley y los procesos de que es fundamento." (8)

Concluimos esta fase da trajetória de Rio baldo, fase que antecede a experiência do pacto, pela síntese que segue: ansiando pelo comportamento sem deslize de erro, Riobaldo, pelo medo de assumir e errar, limitara sua decisão, e constituíra junto à massa, a mistura indiferenciada, imersa nas águas barrentas da vida.

"Um ainda não é um; quando ainda faz parte com todos. Eu nem sabia" (GSV., 142),

é a afirmação do herói na velhice, vislumbrando esta fase de incertezas, ele, "senhor de certeza nenhuma", diferente de Diadorim, de quem comenta:

"Mas, um, era Diadorim - (...) Diadorim, que era o Menino, que era o Reinaldo. É eu. Eu?" (GSV., 341) - grifo nosso

Esta frase reforça o comentário baseado no símbolo da substância primordial indiferenciada, de onde emergem todas as formas: as águas, e na situação específica do romance, as águas barrentas do São Francisco e a iniciação do herói.

A coragem enformadora do ser individualizado que capacita o homem tornar-se "um" diferenciado, não se manifestara em Riobaldo, que buscando a perfeição do "conhecer" antes do ato, e a

conseqüente plenitude da "liberdade", constituíra o ser frustrado que se nomeia "senhor da incerteza".

Mais concisa e objetivamente, temos até aqui as informações seguintes:

- a falência dos propósitos da iniciação, pela falência de Riobaldo em assumir a responsabilidade dos seus atos;
- razões de sua fuga: o medo de errar, sanável, na concepção do herói, pelo conhecimento da lei universal de causa e efeito que rege o mundo: anseio que equivale ao Conhecimento ou à Liberdade.

## 2.2. Situação do Pactário

A segunda fase da trajetória de Riobaldo concentra-se no segundo momento decisivo de transformação interior: "o pacto com o diabo".

O contexto agora é bem diverso do primeiro, mas é inegável que se constitui no seu prolongamento. O eixo sobre o qual incidem as atenções do narrador nesta nova experiência, é ainda o leitmotiv da coragem, atributo enformador do ser diferenciado.

As indagações de Riobaldo face ao problema espiritual que o faz buscar o pacto encontram resposta no seguinte:

"E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, esta coisa: eu somente queria era - ficar sendo!" (GSV., 318)

O objetivo concentra-se, pois, sobre si mesmo: tornar-se diferenciado, autor dos seus atos, na certeza de suas opções.

Mas, no mundo contingente e histórico dos eventos, no caso a jagunçagem, apenas a chefia tem condições de dar o direcionamento do destino particular segundo vontade própria, envolvendo nos acontecimentos provocados pela decisão do chefe o destino da massa informe que apenas cumpre determinações.

Este caráter da necessidade do cargo para Riobaldo assumir sua condição de pessoa individualizada, é patente no contexto da obra desde o momento em que Medeiro Vaz lhe outorga sua sucessão, até o ponto culminante do enredo sob este enfoque, quando

Riobaldo o assume, único meio também de sua plenitude emocional , conforme visto em 2.1.

Encontra-se também nos atos da personagem Diadorim , conscientizador da coragem nas águas do São Francisco, e estimulador de Riobaldo para a chefia, tanto por ocasião da morte de Medeiro Vaz, quanto nas proximidades do dia do pacto ("Riobaldo, põe tento no que estou pedindo: tu fica! E tem o que eu ainda não te disse, mas que, de uns tempos, é meu pressentir: que você pode - mas encobre; que, quando você mesmo quiser calcar firme as estribeiras, a guerra varia de figura..." (GSV., 284), a revelação do liame entre coragem e chefia, destino de Riobaldo na morte de Hermógenes, em vista de toda uma engrenagem de eventos que conduzem para tal fim.

A procura do insólito é, pois, a expressão de sua personalidade que anseia a condição de diferenciado, mas, importante a referência, sob a égide da perfeição, do acerto ou do não-erro, conclusão do subcapítulo anterior de análise, característica dos anseios de sua natureza incapaz de admitir a cômoda atitude daqueles que com pouco ou nada se satisfazem; na busca da coragem necessária à responsabilidade da ação, a coragem maior: o ânimo invulgar de enfrentar face a face o mistério em si -

"ato que só raro mas raro um homem acha o querer para executar, nesses sertões todos." (GSV., 305)

Assim, o ato não se dissolve na simples busca das forças que capacitam herói ao desafio da luta , mas das forças como tais, no perfeito conhecimento do caminho sem erro (Sabedoria) para enfrentar a Hermógenes, encarnação do Mal.

Embora Hermógenes tivesse sido a personagem opositora contra quem Diadorim e Riobaldo haviam sido "destinados para dar cabo" (GSV., 310), na verdade, não havia ódio no narrador que pudesse justificar ou incentivar sua perseguição; as razões são explícitas no que segue:

"Mas, no existir dessa gente do sertão então não houvesse, por bem dizer, um homem mais homem? Os outros, o resto, essas criaturas. Só o Hermógenes, arrenegado, senhoraço, destemido. Ruim,

mas inteirado, legítimo, para tãda certeza, a maldade pura. Ele, de tudo tinha sido capaz, até de acabar com Joca Ramiro, em tantas alturas (...). Em tudo reconheci: que o Hermógenes era grande destacado daquele porte, igual ao pico do serro do Itambé, quando se vê quando se vem da banda da Mãe-dos-Homens - surgido alto nas nuvens nos horizontes. Até amigo meu pudesse ser; um homem, qua havia." (GSV., 309)

O texto revela admiração por aquilo que se constitui a busca de Riobaldo: - a capacidade de ação con-victa, impossível a ele, pela aguda consciência da dúvida proveniente da falta de discernimento em meio ao caos do mundo, consciência inexistente em Hermógenes, "maldade pura".

Lembramos que a ação em Grande Sertão: Veredas não se acha dissociada das reflexões do narrador.

Este todo, conjunto de ação e reflexão, vai convergir para o primordial motivo do conflito de Riobaldo: enfatizamos: a incapacidade de ação pelo choque entre o saber, o acertar, e o não-saber, o errar; empregando a terminologia já usada, entre o conhecer e o não-conhecer, conceitos vistos no subcapítulo anterior; entre a liberdade que só o "conhecimento" possibilita, e a "prisão" do desconhecido: - tal é o conflito em função do qual se acha a problemática da coragem e do ato responsável que lhe diz respeito.

Simbólico como tudo em Grande Sertão: Veredas onde homens, águas, buritis, sertão, adquirem significado particular, é atitude exigida pelo texto a penetração deste sentido, estruturando-o num sistema coerente de interpretação, fundamentado nas possibilidades que o texto oferece.

A sutileza do narrador faz insinuar nos detalhes aparentemente insignificantes, a chave da interpretação.

Em busca desta chave, nossa atenção concentrou-se na frase que nos pareceu altamente expressiva dentro do contexto simbólico em que a narrativa está montada: após o "pacto", deposto Zé Bebelo, e na liderança do bando, com a morte de Ricardão e a mulher de Hermógenes feita prisioneira, caminham rumo ao Paredão, ponto culminante da luta, acompanhados pelo moleque Guirigó e o cego Borrromeu, trazidos do lugar agourento do Sucruíú por exclusivo capricho de Riobaldo:

"Sol rachava os barros. A mulher, o menino e o cego - aqueles saíram, tocaram." (GSV., 423) :

três nomes que, se individualizam o ser pelo contexto em que estão inseridos (a mulher: esposa de Hermógenes; o menino: Guirigó; o cego: Borromeu), também sugerem a impessoalidade de uma categoria que aponta para objetos que se referem ao geral. Conforme verificaremos na progressão da análise, ocultam estes termos um sentido simbólico que necessitará de uma sondagem do texto em sua relação estrutural, porquanto sua menção não é gratuita. Vejamos: - no aliciamento dos homens do Sucruíú e do Pubo para constituir seu pitoresco bando, manda Riobaldo que venha também o cego Borromeu e o menino Guirigó; mais uma vez repete-se a intercalação de Riobaldo entre duas forças, situação que observamos no subcapítulo anterior, tornando-se aqui um dos elementos fundamentais da análise que basifica este trabalho: diz Riobaldo após o pacto:

"E o Guirigó e o Borromeu, eu meando os dois, ao alcance de qualquer minha mão. Sempre, mesmo como sempre. Mas, um, era Diadorim - montado a baiana, gineta, com estribos curtos e rédea muito ponderada, bridando em seu argel travado, às upas: cavalo bulideiro, cavalo de olhos pretos conforme como a noite - Diadorim, que era o Menino, que era o Reinaldo. E eu. Eu? Nos estribos de ferro, freio de ferro, silha forte e silha mestra - e o par de coldres! Assaz, então, cantaram:

Olererê, Baiana,  
eu ia e não vou mais...  
Eu faço  
que vou  
lá dentro, oh Baiana,  
e volto do meio p'ra trás..." (GSV., 341) -

grifo nosso

Obsessiva a imagem repetida no relato: o emparelhamento dos três: Borromeu, Riobaldo, Guirigó:

"Pois, então, que viesse também o Borromeu, viesse. Mandei que montassem o dito num cavalo manso, que da banda da minha mão direita devia sempre de se emparelhar. (...) - "Guirigó, tu vem vestido, ou nu?" Como que não vinha? Aprontaram um cavalo para êle só, que devia de se emparelhar com o meu, da banda de minha mão esquerda." (GSV., 338) -

grifo nosso

A atitude mental que move Riobaldo no contexto acima é

a mesma da situação comentada no subcapítulo anterior: comparar - se com as duas forças que estão à sua direita e à sua esquerda : com Zé Bebelo e Diadorim na primeira situação; com o cego e o menino no contexto acima.

Riobaldo tem consciência do que lhe significam Guirigó e Borromeu, o menino e o cego: objetos de posse, porquanto ao alcance de qualquer de suas mãos, o que ele sempre foi, "Sempre , mesmo como sempre", não Diadorim, o Menino (observar o enaltecimento do termo com a inicial maiúscula), Um.

Nesta altura dos acontecimentos o pacto já havia sido consumado, e Riobaldo tem controladas as rédeas da chefia que o deve distinguir como ser diferenciado, emerso das águas barrentas da vida, emerso da massa informe do bando; entretanto, ainda se pergunta quem era ele, evidenciando as mesmas incertezas que o acompanharam na fase precedente àquela experiência das Veredas - Mortas.

Ao questionamento do "E eu. Eu?", vem a resposta na letra da canção: o movimento indeciso do ir e não ir, o movimento da contradição, já assinalado por Walnice Galvão em As Formas do Falso:

"Olererê, Baiana,  
eu ia e não vou mais...  
Eu faço  
que vou  
lá dentro, oh Baiana,  
e volto do meio p'ra trás..."

Diante da evidência destes fatos, perguntamos da validade do pacto, que tinha por objetivo a forma individualizada de Riobaldo erigida sobre uma estrutura de saber ou conhecimento, virtudes buscadas pelo herói no insólito.

Afirmamos , mediante o desenvolvimento das idéias expostas, que Riobaldo apossara-se da coragem necessária à chefia ou ao ato da responsabilidade, mas a coragem, tão somente, fora precária para a autonomia da ação que o haveria de distingui-lo como Diadorim, Um, o Menino, no meio do bando. Isto porque, repetimos , Riobaldo exige-lhe o complemento do "conhecer", a certeza da ausência de erro; a obsessiva referência ao cego e ao menino, emparelhando-se aos dois, vai também evidenciar o problema do conflito

persistente em Riobaldo.

"Objeto-posse" do herói e assessor do mesmo, definir a simbologia do cego é definir a personalidade do narrador que ao lado dele se coloca em termos de comparação.

Vejamos o contexto em que este nos coloca o cego, e através do diálogo direto encetado por ambos, conhecer a característica psicológica do mesmo:

"Seo Borromeu, está gostando dêstes Gerais, hem seo Borromeu?" (...) - Ah, Chefe: é sempre amanhecendo manhã, e aqui a gente merece tudo - vento que não vareia de ser... Mas vento que vem dos amáveis..." - êle me respondeu. - "...O que não vejo, não devo; não consumo..." continuou respondendo." (LSV., 339) - grifo nosso

Afirma o cego sua indiferença pelo desconhecido: " O que não vejo, não devo; não consumo".

Pautando sua satisfação em seu viver no contingente, sem maiores indagações, pois não deseja "consumir o que não vê", é o cego a personificação do mundo aparente e objetivo das experiências que o atingem de imediato, diametralmente oposto ao mundo avelado por Riobaldo, o conhecimento do oculto, única condição de liberdade ou ausência de erro, conforme visto, e conforme a transcrição que mais uma vez tomamos o capricho de repetir:

Liberdade "ainda é só alegria de um pobre caminhãozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer. Sou um homem ignorante. Mas me diga o senhor: a vida não é cousa terrível?"

Ora, se a posse do encoberto é a fonte da liberdade proveniente do conhecimento, verdade ou sabedoria, termos aqui sinonimizados, conclui-se que o cego Borromeu, desprestigiando o "oculto", personifica a IGNORÂNCIA em sua cegueira espiritual.

Este o contexto em que Riobaldo nos apresenta o cego em seu relato, quando se angustia, próximo a relembrar a catástrofe final a que levou sua ignorância, ou seja, sua incapacidade de "conhecer", discernindo os liames do acontecer, penetrando o objetivo e apossando-se do "encoberto" da verdade:

"Eu podia? Como é que vou saber se é com alegria ou lágrima que eu lá estou encaixado morando, no

futuro? Homem anda como anta; viver vida. Anta é o bicho mais boçal... E eu, soberbo exato, de minha vitória! Conforme prazia o dito do cego Borromeu, que não se entristecia: - "Ah, eu nunca botei em antes o nariz nestes campos..." (GSV., 423 }

Bastante significativo também, o diálogo quase no desfecho da narrativa: Riobaldo pergunta ao cego:

"-"Você é o Sertão?!"  
 -"Ossenhör perfeitamém, ossenhör perfeitamém... Que sou é o cego Borromeu... Ossenhör meussenhör... - ele retorquiü." (GSV., 448) - grifo nosso

Donde se deduz e se conclui:- Borromeu é o Sertão; Riobaldo, o senhor do Sertão; mas, Borromeu é também o que "não conhece"; Riobaldo, portanto, o senhor da ignorância. Aqui se identificam: Sertão - Borromeu - Riobaldo - Ignorância.

O objetivo, portanto, das forças para o alijamento do erro, o que equivale a conhecer ou apossar-se da verdade, não se dera nas Veredas-Mortas: voltou cego, ignorante, "sempre, como sempre"; portanto, conclui-se, indeciso, carente de convicção.

O menino Guirigó, esperto, ladrão, mentiroso, dobrando à direita, à esquerda, maleável às circunstâncias (observar a cena em que o menino nos é apresentado pela primeira vez e o diálogo entre ele e Zé Bebelo (GSV., 299-300), é o ainda menino, merecedor do carinho e condescendência de todos (ver o tratamento das senhoras e moças na Fazenda do seo Ornelas (GSV., 343 e 348); -a imaturidade, extensão também de Riobaldo, assessorando-o pela banda esquerda.

A referência tácita à imaturidade que caracteriza o menino é-nos dada na reflexão abaixo, quando Riobaldo se angustia ao indagar sobre a realidade ou não do pacto:

"Então , se um menino menino é, e por isso não se autoriza de negociar. E a gente, isso sei, às vezes é só feito menino. Mal que em minha vida a - pronteí, foi numa meninice em sonhos - tudo corre e chega tão ligeiro - " (GSV., 22)

Tal a condição de Riobaldo, o "sertão" imaturo à mercê das circunstâncias; e se "o sertão é o sozinho" e "dentro da gente" (ver o item "C" do capítulo I), estava ele cercado por outros ser-

tões humanos, por outras gentes nas mesmas condições de precariedade espiritual. Donde a identidade entre: Sertão - Riobaldo - Ignorância - Humanidade.

O reiterativo da comparação, emparelhando-se Riobaldo com os personagens mencionados, o cego, o menino (considerar a grafia com letra minúscula, sem o enaltecimento do termo quando relacionado com Diadorim, o Menino), afastando de vez a idéia do gratuito ou insignificância de sentido que acompanha tal situação, ainda se repete: impotente está diante do desfecho, o corpo inanimado de Diadorim:

"Esse é o Reinaldo... - o que o Alaripe disse. E eu parava ali, permeio c menino Guirigó e o cego Borromeu." (GSV., 453) - (grifo nosso): -

insistência que se infunde e se estende por todo o relato:

"Surgindo o fim, eu restava desandado ao para trás, sozinho só, com os dois. O menino Guirigó - uma mão apertando as costas da outra, seguidos esses estremecimentos, repuxava a cara, mas com os beiços abertos em dor, tudo uma careta. Ele era um menino. E o cego Borromeu fechava os olhos." (GSV., 447)

Assim, o comando cego advindo da situação dúbia do embasamento espiritual de Riobaldo,

"Será que eles não sabiam que eu não sabia aonde ia?" (GSV., 367)

"O que era em mim valentias, não pensava; e o que pensava produzia era dúvidas de me-enleios" (GSV., 371) ,

afirmando explicitamente a continuidade das incertezas, portanto, sem o usufruto da "liberdade", determina ao herói o prosseguimento de sua caminhada na prisão de seus erros, porque ignorância.

A certeza consciente fora negada, pois, a Riobaldo, porque ela implica em "conhecimento", através do qual os pastos são demarcados, e através do qual se escolhe o trilho seguro no mundo da desordem, regido por leis que seguem inexoravelmente sua trajetória.

Embora longa, pela importância de suas idéias que voltarão à pauta no decorrer do trabalho, idéias que reforçam o sen-

tido dado por Riobaldo-narrador ao "conhecer", fundamental na análise da obra conduzida até o presente, deixamos aqui transcrito o seguinte trecho:

"Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma só coisa - a inteira - cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver - e essa pauta cada um tem - mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado." (GSV., 366) - grifo nosso

A coragem em ato era um imperativo na vida de Riobaldo; todas as situações de experiência forjadas pelo destino constituíram-se na estrutura necessária à eclosão desta qualidade inata, oculta ao próprio contenedor, palpável aos demais, Alaripe (GSV., 228), Diadorim e companheiros do bando.

Esta sina tornada imperativo nas águas do São Francisco, havia se corporificado por ocasião da morte de Medeiro Vaz, indicado Riobaldo para a chefia do bando. Mas, lançando-se à aventura da coragem absoluta, sem a participação da sabedoria que integra a unidade da real harmonia da vida, ele permanecera agrilhoado às prisões impostas pelo cego Borromeu e o menino Guirigó.

Se os motivos que levaram Riobaldo à experiência do pacto foram a coragem e a ânsia do discernimento da norma certa do viver, perguntamos por que não lhe deram as Veredas-Mortas, ou melhor, Altas, conforme veio a saber mais tarde, o conhecimento anelado. Por que em seu lugar, apenas a exacerbada coragem inconsciente se lhe manifestou, permanecendo as indecisões que afirmam

"O que era em mim valências não pensava; e o que pensava produzia era dúvidas de-me-enleios"?

A resposta encontra-se na dedução final de Riobaldo,

"Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? (...) O diabo não há! É o que eu digo, se fôr... Existe é homem

humano. Travessia." (GSV., 460) : -

a confirmação de que o sobrenatural não existe, considerado o termo na acepção de ocorrências fora das leis naturais constituídas, ou "milagres" em sua acepção popular.

O que existe é homem humano, portanto, nele, todas as possibilidades e restrições.

O fundamento psicológico que explica a transformação de Riobaldo após o pacto, foi já atestado pela crítica: durante sete dias consecutivos ele se abstém de todos os prazeres, técnica que conduziu a excelentes resultados na expulsão do medo por ocasião do primeiro encontro com o bando de Zé Bebelo após sua fuga. Contudo, permitiram eles a paz e a coragem de espírito suficientes para enfrentar a possível morte. O processo desta transformação, historiado pelo narrador com as imagens do sertanejo que para se tornar jagunço valentão necessita comer cru o coração de uma onça morta à mão, é o mesmo repetido no ato de Riobaldo ao enfrentar o medo maior conhecido, o de um pacto com o diabo: extraordinária coragem é necessária, que o ato em si, o desafio assumido, torna-se o soberano outorgador do bem procurado: ao ato absoluto da prova de coragem, segue-se-lhe a posse da mesma. Entretanto, para o conhecimento, a sabedoria, não houvera, preliminarmente, aprendizagem; nem o rumo do meio para obtê-la; não estava em Riobaldo, não poderia; segundo a lei de causa e efeito, ser-lhe concedido por mãos estranhas, sejam as do Diabo, sejam as de Deus; pois o sobrenatural, ultrapassando o nível da capacidade humana de apreensão da verdade, não existe, e este mundo é regido por leis, não acasos (observe-se: "existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver - e essa pauta cada um tem - (...) Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto;" (GSV., 366); portanto, no encoberto estão as leis ocultas à ignorância dos homens, ocultas a todos quantos como Riobaldo, é senhor do sertão, senhor do cego Borromeu, senhor da ignorância e da imaturidade. Donde,

"Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar." (GSV., 16)

O pacto significou, então, na experiência de Riobaldo, o incerto jeito de se conquistar um bem, transformado agora em mal, pois que sem apoio da correspondente base de sabedoria para sustentá-lo.

Em síntese temos as conclusões do comentário desta parte, conclusões parciais do todo significativo da obra:

- a revelação do estado espiritual de Riobaldo, extensivo a toda a humanidade: ignorância e imaturidade. Disto também decorre: se Riobaldo é o sertão, o Hermógenes, na exacerbação com que é descrito pelo narrador, o único que nasceu assassino, o "Sertão", observando-se a maiúscula referindo-se a ele à página 425, o demo, o "pactuado" na crença dos jagunços, reteria o sentido de personificação da Ignorância, não do Mal, efeito que este é daquela. É a Ignorância que se contrapõe à Sabedoria, a causa dos erros, causa que não atina com o único caminho certo da Liberdade. O Mal em si desveste-se, então, da conotação moral repressiva e condenatória, aspecto ao qual retornaremos no último subcapítulo, "O  $\infty$  (Neutro) na Obra".
- o "conhecimento" é conquista do homem, não doação arbitrária de poderes desconhecidos.

O simbolismo da mulher ("Sol rachava os barros. A mulher, o menino e o cego - aqueles saíram, tocaram." (GSV., 423) será esclarecido no segmento subsequente de análise.

### 2.3. Dualidade de Diadorim

"(...) o Reinaldo - que era Diadorim: sabendo deste, o senhor sabe minha vida;" (GSV., 242)

"(...) Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins - que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... Reze o senhor por essa minha alma." (GSV., 458)

O batistério de Diadorim sintetiza sua vida; relacionando as duas transcrições acima, temos a síntese de sua atuação e influência na narrativa: fundamental para Riobaldo, concentra-se nas oposições de Diadorim a problemática existencial da humanidade.

Conhecer Diadorim é, pois, conhecer o "homem humano" e

o sentido de sua trajetória existencial.

Desejamos chegar à coerência desta conclusão ao longo de comentários parciais que serão estruturados em sua fase final.

Os aspectos a seguir, um tanto descritivos, são necessários à argumentação posterior que os tomará por base. Idéias escassamente desenvolvidas neste segmento de análise deverão de se expandir no subcapítulo 2.3.1., intitulado a propósito: "Aplicações e abrangência do exposto".

Complexa a apresentação desta personagem, não no que toca a suas ações e reações objetivas à base das regras vigentes na jagunçagem, mas na interpretação de sua figura dual, atração e repulsa na experiência do herói. Justificada a atração pelo que Riobaldo intui de sua natureza feminina só revelada na morte, ainda paira o mistério pelo aspecto singular de seu comportamento:

- a) iniciador de Riobaldo, apesar de menino tanto quanto ele, contrastam-se os dois, tendo Diadorim em sua coragem tranqüila e severa, a arma que desconhece medos, guiando o companheiro na travessia do São Francisco: - coragem que lhe parece imanente, na lucidez de seus objetivos.
- b) jagunço, "o único homem que a coragem dêle nunca piscava; e que, por isso, foi o único cuja tôda coragem às vêzes eu invejei. Aquilo era de chumbo e ferro." (GSV., 324)

"E o senhor não viu o Reinaldo guerrear!... Essas coisas se acreditam. O demônio na rua, no meio do redemunho;" (GSV., 123)

Aspecto já comentado pela crítica, revelando o ânimo afeito às lutas, ensina, paradoxalmente, a apreciar as belezas dispersas na natureza, a forma da incidência do sol na água, os pássaros e as flores, "aquêlê assunto de Deus" (GSV., 146) que se concentra no manuelzinho-da-croa, "o passarinho lindo de mais amor.(...)" (GSV., 445)

- c) autor da morte e vítima de Hermógenes, a personificação da Ignorância, ou do Mal, sua consequência.
- d) atração de Riobaldo, esta força o retém no bando, mais forte que o poder da repulsa.
- d) amor que é também para ele Riobaldo, não lhe revela sua identi-

dade feminina.

f) informações históricas precárias de sua vida: nascida "em um 11 de setembro da éra de 1800 e tantos..." (GSV., 458), e o batistério na matriz de Itacambira.

O eixo e ponto capital da interpretação em torno desta personagem vai incidir em seu caráter de oposição: homem-mulher; ódio-amor ("Mas Diadorim pensava em amor, mas Diadorim sentia ódio." (GSV., 324); o aparente-o oculto; o que se conhece-o que não se conhece.

A natureza masculina de Diadorim como jagunço é nitidamente reconhecível porque se manifesta objetivamente em atos. Tais atos, refletindo um modo de pensar, seguem as normas estritas da lei do "sertão" (em oposição ao culto da civilização), que revida com domínio físico desagravos e vê com naturalidade cenas sangrentas da guerra.

A parte objetiva da dualidade, aquela que se mostra, é, pois, Diadorim-jagunço, Diadorim-homem.

Vimos que o sertão em um de seus conceitos representa a humanidade. Se "jagunço é o sertão" (GSV., 235), e Riobaldo, "o senhor do sertão", senhor da Ignorância, conforme visto, concluímos que à ignorância estão afetas as coisas destrutivas do homem, desde que a agressão se constitui parte integrante da vida de jagunçagem. (Sema D.1. do capítulo I)

Assim delinea-se mais um sema do "sertão", cujos múltiplos sentidos estruturados num conjunto interdependente de significados, haverão de ser gradativamente revelados no evoluir deste trabalho. Temos, portanto, o sertão como humanidade em destruição recíproca, proveniente de sua imaturidade e ignorância, tal como Riobaldo entre o menino e o cego no sertão agressivo, sertão-jagunço, onde "homem tem a dura nuca e mão quadrada" (GSV., 86). O pior dentre todos que se compraz no sadismo de sua maldade, Hermógenes, a personificação do Mal maior neste contexto do mundo carente de sabedoria. (Observamos, mais uma vez, que o mal, valorado, porquanto de conotação moralística, é considerado, na obra, conseqüência da ignorância, esta sim, a causa imparcial do contexto agressivo do sertão-mundo, sertão-humanidade.)

Apresentado Hermógenes no texto narrativo como ente "diabólico", seu caráter incomum manifesta-se não só nos atos em desrespeito à vida humana, mas também na impossibilidade do narrador,

que se orgulha de tudo recordar, definir sua pessoa, repelente já desde o primeiro contacto na fazenda do Selorico, fugindo a uma caracterização física, "(...) êle grosso misturado - dum cavalo e duma jibóis... ou um cachorro grande." (GSV., 159) :- escapa ao homem comum a identificação do mistério do mal.

Julgando-se pactário na linha objetiva de ação do enredo, Riobaldo marcha contra Hermógenes, mas no crítico momento de sua destruição é Diadorim quem avança em luta corporal, ferindo-o de morte, ao mesmo tempo que é atingido, enquanto permanece Riobaldo na torre do Paredão, impotente no seu desespero em dor, junto à mulher, o cego, o menino.

Todas estas cenas que despertam nossa perplexidade, e toda a figura marcante, igualmente fluida de Diadorim, toda a plurissignificação que envolve cada uma das personagens, constituindo uma sinfonia de símbolos aos quais conflui também a simbologia do ambiente natural, devem possuir uma razão de ser, conforme alerta em várias ocasiões o próprio narrador:

"(...) não narrei nada à-toa, só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo." (GSV., 234) :-

texto que se encontra como divisor de águas entre o antes e o depois do pacto, pode ser, em termos de técnica narrativa sobre a qual está atento o narrador, a expressão de todo o relato.

Assim, respeitando os lances significativos de todos os eventos narrados por Riobaldo, nada trazendo de gratuito neles, a cena da luta final nos faz indagar sobre o sentido do confronto Diadorim-Hermógenes; de sua morte, aspectos que despertam perplexidade pelo inusitado das soluções.

Não seria a luta contra o Hermógenes a própria vivência da lição transmitida a Riobaldo sobre as águas: "carece de ter coragem, muita coragem"? A coragem enformadora do ser diferenciado contra o mal personificado por Hermógenes ("A modo que o resumo da minha vida, em desde menino, era para dar cabo definitivo do Hermógenes" (GSV., 434), constituir-se-ia, destarte, o fator inalienável da luta do homem iniciado nas águas da vida.

Mas, atentemos para o fato de que, enfrentar "o demônio do mal", e destruí-lo, requer qualidades que lhe nivelem em

poder. Tal nivelamento vai ser encontrado no "único homem que a coragem dêle nunca piscava; e que, por isso, foi o único cuja toda a coragem" Riobaldo às vezes invejou: Diadorim (ver os itens "a" e "b" da página 31 deste trabalho). Corporifica-se, então, nesta personagem que assume tal desafio, a coragem também maior.

Este encontro das duas forças em níveis absolutos de poder, Diadorim fluido e inapreensível, tanto quanto Hermógenes insólito, sem caracterização, já não podem pertencer ao plano dos fenômenos e constituírem simples personagens ao nível da massa dos jagunços; devem elevar-se na região dos deuses, e tornar-se, na exacerbação das qualidades em confronto que evidenciam, a personificação da Coragem e do Mal em luta no palco da vida.

Diadorim tem consumada a predição de parte do seu batistério que reza: "nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo":- tem aqui assumido plenamente seu destino.

A segunda indagação diz respeito à morte de Diadorim no mesmo instante da morte de Hermógenes, o Mal, a Ignorância.

Verificamos no contexto da interpretação até aqui en-  
cetada, que a coragem é atributo necessário à vida do homem em luta no sertão: porque existe o mal, existe o Hermógenes. Daí a lição de coragem na travessia da vida, as águas escuras do São Francisco. A coragem cabe, pois, a função exemplarmente dada por Diadorim de destruir o mal, estado deste sertão objetivo, portanto, mundo em conflito.

Eliminada a Ignorância em sua totalidade absoluta, e seu fruto, o Mal, Hermógenes, necessariamente deve-lhe seguir a destruição da Coragem incorporada em Diadorim-homem, porquanto sua função deixa de existir neste mundo sem conflito.

Eis porque adquirem, também os atos, a condição de símbolos a encobrir a lição da essência significativa da vida.

Temos de lembrar ainda, embora já mencionado em trabalhos críticos a respeito, que no ato da morte de Hermógenes, temos a morte da tradição nele arraigada, tradição esta que impede a transformação dos valores do sertão, revelada no assassinato de Joca Ramiro, incapaz de aceitar a instituição jurídica do julgamento em seu sertão primitivo, resultando na libertação de Zé Bebelo.

Donde, a Coragem que destrói o Mal implicar também em

transformação, contrária ao estado de coisas inertes e estagnadas do sertão-humano.

A adesão de Diadorim à mudança dos critérios de justiça é revelada pela efusão com que diante do veredito de seu pai, Joca Ramiro, exclama: "Deus é servido." (GSV., 214)

Neste ambiente bélico do sertão em luta, Diadorim atua sobre Riobaldo, procurando conservá-lo dentro daquele mundo-jagunço de atrocidades. Perguntamos quais as razões deste comportamento, partindo de um ser, que no mistério em que se envolve, mestre iniciático já na meninice, influencia o herói para a sua permanência no ambiente que o deprime e do qual tenta fugir.

A resposta é dada pelo conceito já auferido de "sertão": o sertão-jagunço, símbolo do mundo e da condição espiritual da humanidade, à mercê dos males advindos da ignorância e imaturidade. A fuga de Riobaldo ao seu destino de coragem, destino de luta contra o Mal e a inércia, representaria, diante desta hecatombe que é a própria vida, a covardia do incapaz que, medroso, não direciona os acontecimentos, tomando rumos não coadunados com os objetivos de sua existência.

A coragem, pois, lição da travessia, deve embasar atitudes que provêm dos enfoques até aqui considerados:

- o de assumir a responsabilidade do ser diferenciado, destino tornado consciente sobre as águas, e o de executar decisões sem medo: esta a proposta de Diadorim ao incentivar Riobaldo à permanência e participação no mundo.
- a destruição do mal, e da inércia que impede transformações, ato idealmente consumado por Diadorim.

Das ações de Diadorim-homem, pelo caráter de exemplaridade, resulta, pois, o sentido que transcende a ação objetivamente considerada, para situar-se no plano ideal de conceitos que levam a formular a lição da vida.

Observamos que o enredo também, pelo exposto, se encaminha para a interpretação do texto que foge ao meramente fatural, e nos conduz a desentranhar sua essência significativa, assim como propõe o narrador:

"E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se fôr jagunço, mas a matéria vertente. Que-

ria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder." (GSV., 79)

Focalizando Diadorim em sua condição de mulher, consideremos, primeiramente, que vive a personagem em meio aos jagunços, travestida em homem. A morte vem revelar sua condição de mulher, a verdadeira natureza, portanto.

Importante aqui observarmos que o oculto é no contexto da obra, conforme já comentamos enfaticamente, a verdade que se carece de aprender para a liberdade (Ver página 18 deste trabalho).

Esta liberdade jamais fora conquista de Riobaldo em nenhuma ocasião, porquanto, mesmo depois da experiência nas Veredas-Mortas, afirma o herói caminhar "sempre, como sempre"; continua, pois, de permeio ao menino Guirigó e ao cego Borromeu, ladeado pela ignorância e imaturidade; pela Mulher: "Sol rachava os barros. A mulher, o menino e o cego - aqueles saíram, tocaram." (GSV., 423)

Na dualidade em que se divide Diadorim, uma é a mulher, o oculto aos olhos cegos de Riobaldo, a verdade nunca atingida pelo narrador; outra, o aspecto objetivo, o travesti que se mostra em sua condição de jagunço.

Estamos observando pela progressão da análise o gradativo acúmulo de propostas:

- Riobaldo nos dera a caracterização da humanidade: pertinência da imaturidade e ignorância que impedem a apreensão da verdade.
- Diadorim-homem, sendo jagunço, portanto, humanidade também, nos dá um ato a lição de coragem que o homem deve assumir.

Diadorim-mulher, oculta aos olhos cegos de Riobaldo, oculta em sua castidade até a morte, verdade, portanto, que não se dá a conhecer, é a donzela que também nasceu "para muito amar, sem gôzo de amor".

O caráter deste amor manifesta-se em sua atuação persuasiva, não dominadora.

Possuindo as qualidades de chefe na decisão com que conduz seus atos e na decisão com que assume a chefia quando da morte de Medeiro Vaz face à recusa de Riobaldo, o objetivo de Diadorim não é a liderança; antes, é mover os ânimos do companheiro para tal. São suas as palavras após o desenlace da tensão que coloca Marcelino Pampa na chefia: "Não ambicionei poderes." (GSV., 66)

Sua alegria pelo sucesso do narrador no discurso em favor de Zé Bebelo, suas palavras que intentam alertar o companheiro conduzindo-o à posição de mando,

"Riobaldo, põe tento no que estou pedindo: tu fica! E tem o que eu ainda não te disse, mas que, de uns tempos, é meu pressentir: que você pode mas encobre; que, quando você mesmo quiser calcar firme as estribeiras, a guerra varia de figura..." (GSV., 284) ,

seu esforço em conservar Riobaldo no palco de atrocidades do sertão, percebendo-lhe os movimentos de fuga como em Guararavacã do Guaicuí, indo-lhe ao encontro (GSV., 219), ou em simples diálogo relembrando seu compromisso de permanecer no jaguncismo até a destruição de Hermógenes (GSV., 284), sua morte na luta contra o mesmo, confessando antes,

"- "Menos vou, também, punindo por meu pai Joca Ramiro, que é meu dever, do que por rumo de servir você, Riobaldo, no querer e cumprir " (GSV., 404) ,

mostram , sutilmente, sua função junto a Riobaldo:- atuação persuasiva e atrativa que estimula a ação do narrador, sem imposições de autoridade e domínio.

Exemplo significativo ocorre no caso de Ana Duzuza, cuja morte é imperiosa diante do segredo por ela revelado, da travessia do Liso contra o Hermógenes; o narrador faz frente à voz de Diadorim, que cede:

"Tem discórdia, não, Riobaldo amigo, se acalme. Não é preciso de haver cautela de morte com essa Ana Duzuza." (GSV., 34)

Também, após o pacto, sua atitude é a de um subalterno diante do chefe, que não intervém ostensivamente em suas decisões (veja-se a não-interferência no incidente do nhô Constâncio Alves e do homem que lhe sucede; à mercê dos caprichos de Riobaldo), limitando-se a enviar pedido de socorro à Otacília noiva, muito de Deus, sua rival no amor de Riobaldo, para que reze por ele, tendo neste gesto a manifestação de uma profunda preocupação que discerne as necessidades do companheiro,

"o que está demudando, em você, é o cômputo da alma - não é razão de autoridade de chefias..." (GSV., 353)

Também no caso do leproso a quem Riobaldo desejava matar, também no terno aconselhamento durante a luta no Paredão:-

"Tu vai, Riobaldo. Acolá no alto, é que o lugar de chefe. Com teu dever, pela pontaria mestra : que lá em riba de lá tu mais alcança... Constante que, aqui, o negócio está garantido..." êle disse, mansinho, de me persuadir." (GSV., 441)

Mui expressivo é o fato de Diadorim ter sido ornado em morte com o escapulário que antes pertencera a Riobaldo, aceito como dádiva em vida; mas não a pedra de safira, inadequada ao momento, aceitável quando consumada a vingança de Joca Ramiro, "rei da natureza" (GSV., 32). Vejamos:

" - "Deste coração te agradeço, Riobaldo, mas não acho de aceitar um presente assim, agora. Aí guarda outra vez, por um tempo. Até em quando se tenha terminado de cumprir a vingança por Joca Ramiro . Nesse dia, então, eu recebo..." (GSV., 283)

O escapulário, objeto divino pacificamente aceito em vida na jagunçagem, permanece em Diadorim além da morte. Representa o mesmo, elemento importante na interpretação; sobre ele diz Riobaldo:

"Aquele escapulário, dito, que conservava pétalas de flor, em pedaço de toalha de altar recoçtura - das, e que consagrava um pedido de bênção à minha Nossa Senhora da Abadia. Que, mesmo, mais tarde, tornei a pendurar, num fio oleado e retrançado . Êsse eu fora não botava, ah, agora podia desdeixar não; inda que êle me reprovasse, em hora e hora, tantos meus malfeitos, indas que assim requeimasse a pele de minhas carnes, que debaixo dêle meu peito todo torcesse que nem pedaço quebrado de má cobra." (GSV., 333) ;

donde se conclui ser o escapulário proteção e orientação para o bom caminho, despojado, porém , em favor de Diadorim.

A imagem de Nossa Senhora da Abadia "muito salvadora" (GSV., 391) é a que se reflete de relance em Diadorim, quando este surge ao encalço de Riobaldo, com suas

"belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança." (GSV., 374) :

Diadorim, pois, tanto quanto Nossa Senhora do seu escapulário, são aqui identificados: Diadorim-mulher, santificada na comparação com Nossa Senhora da Abadia.

Mas, Diadorim nega a Riobaldo o conhecimento de sua natureza feminina, conservando nele as indecisões entre atração e repulsa, angustiada incerteza! - ele lhe impede a posse do oculto na posse do amor, permanecendo Riobaldo na cegueira da ignorância.

Reforçando este caráter oculto que envolve a natureza feminina, temos a conversa de Diadorim e a mulher de Hermógenes comungando entre si segredos, cujo teor procura em vão Riobaldo conhecer (GSV., 406); não o teor, que não se chega a saber, mas apenas o ato da aproximação das duas é realmente importante: o que ele representa de desconhecido, cujo sentido é usufruto apenas de ambas, vedado aos ouvidos de Riobaldo, perplexo e magoado diante da recusa de Diadorim em lho revelar: o segredo ou o oculto pertence à mulher: a Diadorim, à mulher de Hermógenes (observar a maiúscula Mulher, referindo-se a ela (GSV., 441), tal o Menino, referindo-se a Diadorim (GSV., 86)

Não seria bastante sintomático para reforço do que acabamos de formular, o fato daquela Mulher afirmar contra seu esposo, "Eu tinha ódio d'ele..." (GSV., 453), ao mesmo tempo que pede lhe tragam o corpo de Diadorim, não o de Hermógenes, para os últimos cuidados requeridos por sua morte?

Odiar a Hermógenes, personificação da Ignorância, e o Mal, sua consequência, não seria afirmar seu amor à Verdade ou à Sabedoria, sua oposição? O oculto na visão do narrador é "a verdade que carece de aprender para a liberdade se fazer" ; o oculto em Diadorim é o vislumbrado na Nossa Senhora do escapulário, deusa protetora, mimo aceito em vida.

Através de dados diversificados chegamos ao núcleo comum, conflito entre o conhecer e o não-conhecer, entre o oculto e o aparente.

A Mulher, ainda, em sua personificação da verdade oculta, é a que se faz prisioneira de Riobaldo, fechada num quarto lá no Paredão, trancada à chave e guardada pelo cego Borromeu,

junto dele o menino Guirigó. Confirmando:

" - "Que é a mulher?" - eu indaguei.

O menino Guirigó queria mostrar: ela estava presa num quarto. Ela também estivesse rezando? Corredor velho, para ele davam tantas portas, por detrás duma delas tinham fechado a mulher, num cômodo. A chave estava na mão do cego Borromeu. Era uma chave de todo-tamanho, ele fez menção de me entregar; rejeitei." (GSV., 443)

Todos estes fatos acham-se em ligação estreita com as informações já trazidas: o sentido presente no simbólico dos nomes, "Sol rachava os barros. A mulher, o menino e o cego-", e mais, entre outros: "Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer."

De posse destes dados, podemos responder à questão deixada em aberto no subcapítulo precedente de análise:- mulher: a verdade oculta, que caminha com Riobaldo, junto à sua ignorância e imaturidade; verdade oculta, persuasiva, amorosa, protetora; diremos divina, desde que sábia: Diadorim.

Tal significado, Diadorim-mulher personificando o divino da ação atrativa e persuasiva em Riobaldo, encontra identificação com um sema do "sertão" mencionado no capítulo I, sema D.2, a parte subjetiva do homem, a natureza divina e persuasiva da interioridade humana onde o "diabo" não tem acesso:- atração de Riobaldo para os atos de bem, evita matar gratuitamente a Constâncio Alves, exclamando:

"Ah, um recanto tem, miúdos remansos, aonde o demônio não consegue espaço de entrar, então, em meus grandes palácios. No coração da gente, é o que estou figurando. Meu sertão, meu regozijo! Que isto era que a vozinha dizia:- "Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo fincou pé de governar tua decisão!..." (GSV., 355-356)

Encontramos também na expressão "o Reinaldo que era Diadorim: sabendo deste, o senhor sabe minha vida;" (GSV., 242), a possível confirmação da idéia acima. Então, Diadorim torna-se uma extensão do homem, personificando-lhe a dupla natureza; donde, no "homem humano" da travessia desta vida manifestar-se o duplo aspecto do divino de sua interioridade subjetiva e atrativa, e a ignorância de sua exterioridade objetiva, que deve ser eliminada pela coragem, de cujas propostas Diadorim nos deu em ato a lição da vida:

"Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins - que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para, muito amar, sem gozo de amor..."

### 2.3.1. Implicações e abrangência do exposto

A simbologia que envolve a pedra preciosa do signo de Diadorim ("nascida em um 11 de setembro" (GSV., 458), a safira (9), merece considerações além do comentado. Vimos pelo segmento anterior, que Diadorim aceita o escapulário, não a pedra de safira. A aceitação da mesma, um mimo de amor, não só pela natureza da prenda e delicadeza do oferecimento, como também pela identidade do objeto dado à Otacília (embora para esta fosse a pedra de topázio), implicaria em revelar a Riobaldo sua condição de mulher, e em consequência, possibilitar-lhe o acesso à verdade. Evidencia-se na expressão que vai grifada, "Deste coração te agradeço, Riobaldo, mas não acho de aceitar um presente assim, agora", a inadequação de receber um mimo daquele tipo no momento; pois que, um mimo de amor, é presente com vistas à personalidade feminina de Diadorim, cuja natureza, a verdade, conforme visto no subcapítulo anterior, ele jamais lhe revelou. (Lembramos, como já o fizemos na Introdução, que as afirmações de cada subcapítulo estão em íntima conexão com as dos subcapítulos anteriores, e assim devem ser consideradas, sem o que tornam-se obscuras.)

Diadorim recusa a prenda, justificando em aceitá-la quando realizada a morte de Hermógenes, observando, mais uma vez, que sua atitude contrapõe-se à aceitação do escapulário. Mas, dar cabo de Hermógenes, sendo ele a personificação do mal no mundo, não seria desarraigar o sertão de toda ignorância, estabelecendo neste uma situação paradisíaca de paz sem conflito, onde não mais se justifica a atuação da coragem?

Diadorim leva consigo a promessa sem receber a safira, porquanto, dentro das idéias acima expostas, a aceitação, ou a revelação do oculto de sua condição de mulher, implicaria na posse da

sabedoria, ou seja, na purificação total do homem sem resquício de erro. Em outros termos, Diadorim leva consigo a promessa, porquanto é inviável a Riobaldo o des-velamento da verdade oculta em sua condição de mulher no estágio em que vive o homem, ladeado pelo cego e o menino, pela então precária manifestação de sabedoria:

"Aí guarda outra vez, por um tempo. Até em quando se tenha terminado de cumprir a vingança por Joca Ramiro. Nesse dia, então, eu recebo..." (GSV., 283)

Não incentiva, pois, Diadorim, a conquista direta do "conhecer", alijador de todo erro, fonte da liberdade e do caminho certo; assim como um dia Riobaldo teme a conquista do sertão-hermógenes à força, sem preparo e ao léu, porque

"o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. Eu sabia, eu via." (GSV., 284) :

fato e texto que esclarecem mais um sema do "sertão", o sema E.3 do capítulo I.

Não afirma também Diadorim a permanência da safira com Riobaldo para sempre; estabelece-lhe nitidamente um prazo: até cumprida a vingança por Joca Ramiro; "Nesse dia então, eu recebo", ele o diz.

Pelo fato desta recepção não se ter dado no tempo da narrativa, permanecendo a pedra "em" Riobaldo, deduzimos ser longo o processo do gradativo des-velamento da verdade encoberta, purificando-se o homem na medida em que lhe desvanece a Ignorância, tendo no Hermógenes a quem deve a luta se dirigir, sua personificação.

O demorado processo evolutivo de aquisição da sabedoria encontra expressão nas digressões do narrador, tal a que segue:

"Bom, ia falando: questão, isso que me soava... Ah, formei aquela pergunta, para compadre meu Quelemém. Que me respondeu: que, por perto do Céu a gente se alimpou tanto, que todos os feios passados se exalaram de não ser - feito sem-modez de tempo de criança, más-artes. Como a gente não carece de ter remorso do que divulgou no latêjo de seus pesadelos de uma noite. Assim que: tosou-se, floreu-se! Ahã. Por isso dito, é que a ida para

o Céu é demorada. Eu confiro com compadre meu Quelemém, o senhor sabe: razão da crença mesma que tem - que, por todo o mal, que se faz, um dia se repaga, o exato." (GSV., 20)

Vem à tona, então, a imagem das veredas com seus buritis sempre presentes, num processo dinâmico de transformação :-

"O senhor estude: o buriti é das margens, êle cai seus côcos na vereda - as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um lado e do outro se alinhando, acompanhando, que nem por cálculo." (GSV., 285):-

veredas estas que sinonimizam o Grande Sertão, o Cosmos, e sertão-mundo, sertão-jagunço, sertão-borromeu, sertão-hermógenes, sertão que é "dentro da gente", imperfeição; e porque imperfeição, o processo evolutivo e transformacional como o fluir das águas correntes: veredas, e seus buritis. (Ver o sema E.2. do capítulo I)

Para reforço de tais afirmações temos ainda o sentido imanente no símbolo da cruz, caminhos se cruzando em Tamanduá-tão, um dos centros do conflito chocando-se as duas facções, a de Riobaldo, a de Hermógenes, assunto a ser tratado no último subcapítulo, "0∞ (Neutro) na Obra"; também nas seguintes palavras que vislumbram o longo processo evolutivo percebido na "velhice" dos olhos jovens e verdes de Diadorim, personagem-símbolo do divino:

"Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombreados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo contar coisas que a vida da gente não dá para entender - " (GSV., 219) - grifo nosso

Também em outro trecho,

"Diadorim vindo do meu lado, rosável mocinho antigo, sofrido de tudo, mas firme, duro de temporal, naquelas circunstâncias" (GSV., 296) - grifo nosso

Detectando tais idéias no relato ficcional de Riobaldo, depois de toda a "estória acabada" (GSV., 454), fica-lhe a experiência da vida como aprendizagem, "travessia", movimento e processo, gradativa apreensão do Conhecimento; não mais o ímpeto da imediata posse do oculto, "entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada" (GSV., 30), conforme o erro em que incorreu, afirmando, por

isso,

"Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pejejei para achar, era uma só coisa - a inteira - cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver - e essa pauta cada um tem - mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; (...) Mas, êsse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto. (...)  
 (...) E procurar encontrar aquele caminho certo, eu quis, forcejei; só que fui demais, ou que cacei errado. Miséria em minha mão." (GSV., 366)

A chegada, perseguida pelo herói no pacto, distante como a Sabedoria que se aloja no Céu, purificação total, segundo Riobaldo, distante como o dia da aceitação da safira por Diadorim, é conquista não desta vida, mas das experiências acumuladas de travessia em travessia enquanto houver desarmonia, enquanto distante o ponto de chegada, e enquanto flui o tempo, movimento como "vida da morte: imperfeição" (GSV., 445) (10); enquanto houver sertões e Grande Sertão: veredas de águas correntes, e enquanto transformações se verificarem, qual o buriti que "cai seus côcos na vereda - as águas levam em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam" (GSV., 285):- travessia que se dá dentro de Riobaldo, aceitando sua ignorância e a impossibilidade, por ora, de alcançar o conhecimento anelado, sem mais indagações, o narrador da velhice é aquele que se conforma nas seguintes expressões:

"Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro." (GSV., 460)

No enunciado que lhe segue, "Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe.(...) Existe é homem humano. Travessia." (GSV., 460), reafirma-se, conforme visto, a inexistência do sobrenatural, ou aquilo que está além do natural e das leis que o regem. Pela análise conduzida até o presente, a impotência do homem na captação daquele caminho certo e único a proporcionar a "Liberdade", é fruto de sua ignorância e imaturidade que não discerne no contexto do presente estágio de luz, a verdade oculta; por isso, e porque se desvia do certo e verdadeiro, "tudo

o que a gente faz ou deixa de fazer " se torna traição (GSV., 139). O conhecimento ou a ignorância, o acerto ou o erro estão, pois, no homem em evolução, causa do bem ou dos males de sua potencialidade de conhecer, embora Riobaldo sinta o impasse de que havendo " a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver - (...) a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar;" (GSV., 366)

Existe é "homem humano"; diante do seu não-conhecer (na acepção deste trabalho), Riobaldo tem apenas consciência de um dever , ou de uma atitude: cumprir; e o "cumprir" no contexto da obra, sugere o desempenho de um trabalho sem indagações quanto à "verdade" dos fatos: fazer com ordem e trabalho o que aparece no acontecer das coisas, ausente o discernimento de suas profundas e reais razões que no fim da convicção do exato ("Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não queira." (GSV., 67)

Nesta participação no mundo que Diadorim incentiva (além do já comentado, veja-se também a efusão com que diz a Riobaldo após a solução do conflito na escolha do sucessor de Medeiros Vaz: "Foi você, mesmo, Riobaldo, quem governou tudo, hoje. Você escolheu Marcelino Pampa; você decidiu e fez..." (GSV., 68) , tendo em Zé Bebelo, acreditamos, o protótipo deste homem atuante, capaz de dizer, "A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta d'ele a dentro..." (GSV., 212), Riobaldo crê:

"Por enquanto , que eu penso, tudo quanto há , neste mundo, é porque se merece e carece. Antesmente preciso. Deus não se comparece com refe , não arrocha o regulamento. Pra que? Deixa: bôbo com bôbo - um dia, algum estala e aprende: es - perta." (GSV., 16)

Significado da existência tornado consciente nas linhas de ação do enredo, a experiência narrada, apesar dos erros e frustrações em que incorreu, tem, portanto, o saldo otimista que afirma:

"o mais importante e bonito , do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. E, outra coisa: o diabo , é as brutas; mas Deus é traço - eiro - dá gosto! A força d'ele , quando quer - môço! - me dá medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz na lei do mansinho - assim é o milagre." (GSV., 20-21) - grifo nosso (11)

Assim, na travessia, processo de aprendizagem que é a vida, acha-se presente esta força que age na "lei do mansinho", como em outra ocasião afirma o narrador: "Travessia, Deus no meio" (GSV., 235): força atrativa de nossa interioridade, conforme visto, o conserto dos descuidos, erros e ignorância. Vejamos o texto que o afirma explicitamente:

"Refiro ao senhor: um outro doutor, doutor rapaz, que explorava as pedras turmalinas no vale do Arrassuaí, discorreu me dizendo que a vida da gente encarna e reencarna, por progresso próprio, mas que Deus não há. Estremeço. Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar - é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantada - erra rumo, dá em aleijões como êsses, dos meninos sem pernas e braços. Dor não dói até em criancinhas e bichos, e nos doidos - não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento? (GSV., 48-49)

Por isso, diz ainda Riobaldo:

"cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!" (GSV., 237)

"Viver é muito perigoso : e não é não" (GSV., 237)

Nestas afirmativas admite Riobaldo uma razão superior atuando no homem, força que o atrai para junto de si, apoiado na lei que é necessariamente contra os acasos, "o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não podendo facilitar -"

Atentemos também para o fato que merece consideração especial a expressão não gratuita, mas consciente, que assevera: "cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta". "Subir" sugere a direção do "alto", e "voltar", o regresso ao ponto de partida: - não há movimento de retorno sem que haja antes o da partida.

Permitindo-nos uma digressão, o consciente do termo "voltar" é reforçado pelo seguinte fato: Sperber nos informa em

seu livro Caos e Cosmos, p.68, sobre uma notação marginália do Autor, Rosa, numa publicação do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, opondo-se ao comentário do texto: "para cima não se vae: volta-se".

Se no contexto da narrativa em análise, "cair" é errar, "levantar-se, subir e voltar" teria o sentido positivo de acertar. Mas, "acertar" é atinar com o único caminho fora do erro, conforme tantas vezes mencionamos ao longo deste trabalho o texto que o impõe:

"para cada dia e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo-o-mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado."  
(GSV., 366)

Mas como o Divino, Deus, a Força de Atração para os acertos do homem encontra-se na "travessia" de Riobaldo, nas "veredas" do Grande Sertão,

"transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero." (GSV., 169)

Havemos ainda de considerar que, se o retorno consiste nesse movimento com Deus, ou o Divino, a Verdade do caminho certo, a Sabedoria, termos que se sinonimizaram até o presente, tal retorno identifica-se com o princípio de onde o processo se iniciou.

Deus existindo na volta, deduz-se existir Deus na partida.

Na profusão de símbolos presentes no Grande Sertão: Veredas, a pureza da origem revela-se nas seguintes expressões:

"Mas a água só é limpa é nas cabeceiras." (GSV., 77)

Anseia Riobaldo fundar uma cidade da religião na cabeceira do rio Urucuaia (GSV., 235), não no meio, nem na confluência com o São Francisco de águas barrentas, isto para "desendoidecer, desdoidar", porque "todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas tôdas. (GSV., 15)

Em outro momento:

"Olhe: o rio Carinhanha é prêto, o Paracatu moreno; meu, em belo, é o Urucuia - paz das águas... É vida!..." (GSV., 24) ,

sugerindo o narrador nas gradações de cor em atenuação crescente, do preto ao moreno, do moreno ao Urucuia, a condição de águas claras do rio que é do afeto de Riobaldo.

Correndo o Urucuia nos Gerais,

"a mesma raça de borboletas, que em outras partes é trivial regular - cá cresce, vira muito maior, e com mais brilho, se sabe; acho que é do sêco do ar, do limpo, desta luz enorme. Beiras nascentes do Urucuia, lá o povi canta altinho." (GSV., 24)

São do Alto Urucuia os únicos jagunços que, com exceção de Diadorim, percebem a transformação de Riobaldo, demitindo-se do bando após a experiência das Veredas-Mortas. (GSV., 375)

Fica também situada a Fazenda Santa Catarina da noiva Otacília, que para Riobaldo era como se "estivesse no camarim do Santíssimo" (GSV., 235), nas serras dos Gerais, "Buritis-Altos, cabeceira de vereda. Que's borboletas!" (GSV., 233) - grifo nosso.

Todos estes textos dão às nascentes um atributo positivo: limpas, belas, pacíficas, exuberantes, divinas.

Se o Urucuia é claro em sua cabeceira, não o é em seu fluir:

"O meu Urucúia vem claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital." (GSV., 235),

sugerindo em seu movimento, a perda de sua pureza inicial.

Assim, o afastamento da fonte ou o ingresso na agitação do mundo determina a queda dos padrões imaculados a ele pertinentes, turvando-se as águas do Urucuia no seu movimento rumo às densas águas do São Francisco.

Destas considerações que afiançam a pureza alojada no ponto de partida, meta do homem em seu movimento de retorno com "Deus no meio", por isso "cair não prejudica demais: a gente levanta, a gente sobe, a gente volta", concluímos:

- a Sabedoria, fonte de toda a verdade, ou Deus, como o princípio e o fim da humanidade.
- a gradativa purificação do homem até a completa eliminação da Ignorância, causa do Mal (aspecto a ser considerado também no sim-

bolismo da cruz e do  $\infty$  (Neutro).

- a vida como travessia, processo necessário de aprendizagem para os objetivos do item anterior, através da coragem.

Embora nada mais acrescente, permitimo-nos tecer comentários sobre a canção embalando para sempre a vida e a sensibilidade de Riobaldo... Siruiz... , interesse também da crítica pela constante referência à mesma.

Apresentamos em caráter de hipótese, sem o necessário estudo comprobatório em profundidade, as relações entre o texto poético e as conclusões que embasam a cosmovisão da narrativa até o momento detectadas.

O relato-síntese da vida de Riobaldo, condensadamente distribuído em três páginas, de 235 a 237, tem seu desenvolvimento iniciado logo após o exato momento em que o narrador diz:

"Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-tôa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enrêdo. Vai assim vem outro café, se pita um bom cigarro. Do jeito é que retôço meus dias: repensando. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Carinhanha. Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas a lume de lua..." (GSV., 234-235)

Os termos e idéias que aparecem naquelas três páginas, parecem-nos intimamente relacionados com os da canção de Siruiz. Vejamos sua última estrofe com expressões aparentemente estanques, independentes, e sua similitude com a expressão prosaica que lhe dá configuração e sentido:

"Remanso de rio largo,  
viola da solidão:" (GSV., 93)

"Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucúia, mas que é rio de braveza. Ele está sempre longe. Sozinho. Ouvindo uma violinha tocar, o senhor se lembra dele. Uma musiquinha até que não podia ser mais dansada - só o debulhadinho de purezas, de virar-virar..." (GSV., 236-237)

"quando vou p'ra dar batalha,  
convido meu coração..."

"Tenho medo? Não. Estou dando batalha. É preciso negar o que o "Que-Diga" existe. Que é que diz o farfal das fôlhas? Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças. O sertão tem medo de tudo. Mas eu hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem - que Ele é bondade adiante, quero dizer. O senhor escute o buritizal. E meu coração vem comigo."  
(GSV., 237) :-

escutar o "buritizal", símbolo que se alinha às margens das verdades, é escutar, segundo o que expusemos atrás, sua mensagem de que a vida são travessias; e que nelas, com Deus no meio, faz-se mister o atributo-mater do ser iniciado nas águas do São Francisco, a coragem que induz o homem à participação e engajamento na vida. Riobaldo aqui é o homem conscientizado já do significado da existência, aderindo com gozo à batalha no acontecer das coisas, aceitando suas limitações: ( sema E.3 do capítulo I )

"Sei de mim? Cumpro." (GSV., 460)

"O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver não é? - é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração?" (GSV., 443)

Assim, com bases impressionistas, esclarecemos, a possibilidade de um estudo confrontando ambos os textos, o poético, o prosaico, identificando-lhes uma mensagem comum, parece-nos altamente viável. Se comprovada a identidade, Siruiz representaria em sua linguagem poética de densa redução e densa conotação, o movimento completo da trajetória existencial e reflexiva de Riobaldo, que se resume em: a) saída de um local beatífico, cuja pureza é sugerida pela antigüidade de sua existência, no caso, Urubu, lugar simbólico na narrativa, tomado para servir os pensamentos de Riobaldo (GSV., 235), "um baiano lugar, com as ruas e as igrejas, antiquíssimo - para morarem famílias de gente" (GSV., 235), tal o Urubu da canção de Siruiz, "vila alta / mais idosa do sertão (GSV., 93); b) experiência, referida na estrofe intercalada de Siruiz, mencionando a peregrinação com Diadorim, a experiência da coragem

emergente do símbolo do buriti, "travessias", conforme visto, dentro de uma situação em torno da envolvente figura de Joca Ramiro:

"Corro os dias nêsses verdes,  
meu boi môcho baetão:"

"Diadorim, os rios verdes. A lua, o luar: vejo êsses vaqueiros que viajam a boiada, mediante o madrugar, com lua no céu, dia depois de dia. Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha." (GSV., 235) ;

"buriti - água azulada,  
carnaúba - sal do chão..."

"Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água - carece de espelho." (GSV., 235)

"Ao que Joca Ramiro pousou que se desfez, enterado lá no meio dos carnaúbaais, em chão arenoso salgado." (GSV., 236) ;

por fim, c) retorno à origem pela coragem: última estrofe:- "Remanso de rio largo, / viola da solidão:" - remanso este que é Otacília, sua noiva, à espera de Riobaldo na Fazenda Santa Catarina, Buritis-Altos, cabeceira de vereda, nos Gerais, um baiano lugar: "Saí, vim, destes meus Gerais: voltei com Diadorim. Não voltei? Travessias... Diadorim, os rios verdes." (GSV., 235) (grifo nosso): - experiências de Riobaldo vividas com Diadorim, o retorno implica nesta experiência adquirida, tornando-se, também por isto, Diadorim, personificação da consciência íntima de Riobaldo.

Vimos que Diadorim também propõe tais colocações na dualidade de sua natureza, personificação do Divino em sua condição de mulher, oculto aos olhos cegos e borromeus de Riobaldo, embora por este intuído; tanto que, sua força de atração fá-lo permanecer no campo de lutas do jaguncismo, sertão-mundo, experiência de vida necessária à compreensão, apesar dos ainda estreitos horizontes da humanidade, que entre o "afinar" e o "desafinar", vai tateando em suas travessias o rumo do caminho certo:- a mesma proposta na frase paradoxal de Bebelo: "a gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta d'ele a dentro..." (GSV., 212) :- necessário é livrar-se do sertão que é o mundo-jagunço, o mundo-borromeu, o mundo-travessias, o mundo-imperfeição, mas só se sai dele é dominando-o por completo em seu próprio campo de batalha; a recusa da safira e sua aceitação após a morte de Hermógenes,

não se consumando o des-velamento de Diadorim-mulher, Diadorim, antigo como a antigüidade necessária ao acesso do oculto, por isso caracterizado pela expressão, "rosável mocinho antigo", "querendo contar coisas que a vida da gente não dá para entender", falam das peregrinações humanas; a coragem, lição da vida consumada pelo jagunço-ímpar no meio do bando, Um, Diadorim, garra necessária à participação nas travessias, voltando, eliminado o Mal, à origem imaculada, apreendidos os mistérios do ser e da realidade montada sobre uma estrutura sábia de leis, o beco para a liberdade: "Ah, para o prazer e para ser feliz, é que é preciso a gente saber tudo, formar alma na consciência; para penar não se carece: bicho tem dor, e sofre sem saber mais porque." (GSV., 237)

"O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo." (GSV., 237) - grifo nosso

Do relato de Riobaldo-narrador, permanece o otimismo da vida considerada travessia, o constante fluir das águas até a libertação: o domínio d'"a. inteira - cujo significado e vislumbra- do Gela " Riobaldo vê que sempre teve (GSV., 366): tal é a conquista do homem ao longo de um processo transformacional que o integra, por fim, consciente, na unidade primordial: Deus.

#### 2.4. O Homem e o confronto Deus e Diabo

Da progressão da análise até aqui conduzida, chegamos às últimas propostas do narrador que, junto à exaltação da vida, estabelece a meta em Deus, admitindo ao "homem humano" a responsabilidade que o conduz à plenitude da manifestação do divino (ou Sabedoria, termo que apreciamos mais empregar, em virtude de sua oposição à Ignorância), imanente em seu próprio ser.

Afirmamos a inexistência do sobrenatural (o que não se enquadra nas leis que regem o universo e o homem), das forças perseguidas por Riobaldo no pacto.

O demônio revelado nos efeitos das causas que estão no homem ("O mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão" (GSV., 77), fruto da desarmonia proveniente de sua ignorância, é figura criada, pois, pela mentalidade popular. Assim afigura-se o Hermógenes, na crendice dos jagunços, o pactário

"que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros." (GSV., 139), e

"que - por valente valentão - para demais até ao fim deste mundo e do juízo - final se danara, doo de alma." (GSV., 229).

No comentário aqui exposto, que objetiva captar a cosmovisão da narrativa, sistematizando-lhe as idéias, o demônio, termo conferido ao mal, adquire a mobilidade daquilo que é instável. Daí a frase, "O diabo na rua, no meio do redemunho...", em obsessivas repetições no texto, e motivo complementar da fluidez e instabilidade das águas que impregnam a travessia de Riobaldo: imagem fluente da imperfeição que retém o movimento transformacional, traz no encontro decisivo da luta entre duas forças extremadas, Diadorim e Hermógenes, a sua mais alta representação:

"Quando quis rezar - e só um pensamento, como raio e raio, que em mim. Que o senhor sabe? Qual... O Diabo na rua, no meio do redemunho... O senhor soubesse... Diadorim - eu queria ver - segurar com os olhos... Escutei o medo claro nos meus dentes... O Hermógenes: desumano, dronho - nos cabelos da barba... Diadorim foi nêle... Negaceou, com uma quebra de corpo, gambetou... E êles saíram e baralharam, terçaram. De supetão... e só...

E eu estava vendo! Trecheio, aquilo rodou, encarniçados, roldão de tal, dobravam para fora e para dentro, com braços e pernas, rodajando, como quem corre, nas entortações... O diabo na rua, no meio do redemunho... Sangue. Cortavam toucinho de couro humano, esfaqueavam carnes." (GSV., 450)

Inserida a frase, reiterativamente, em meio a esta luta de gigantes, identificamos o sangue, o conflito, ao "redemunho", o estado diabólico da "briga de ventos", assim comentado o termo à página 187; deduz-se, então, a pertinência do mesmo na jagunçagem do sertão, ambiente de tensões e guerra.

Mas, se "jagunço é o sertão" (GSV., 235), e sertão é o homem e o mundo, o estado diabólico do mal é também afeto aos

mesmos: ao homem, no diabólico de sua ignorância e imaturidade, vivendo em meio à agressão e guerra.

Esta a situação do mundo na água suja do São Francisco, no gira-gira do redemoinho: travessia que constitui a vida, é também movimento transformacional ou evolutivo, portanto, necessidade da imperfeição: na eternidade de Deus não se justifica tal mobilidade; eis porque o próprio tempo, nele imanente a idéia do fluir, é "vida da morte: imperfeição" (GSV., 445).

"O diabo é sem parar" (GSV., 235) constitui atributo que reforça, como movimento, a expressão acima comentada: "O diabo na rua, no meio do redemoinho."

Tal é a caracterização de Riobaldo conferida a si mesmo após o pacto, após a situação vivida nas Veredas-Mortas:

"Tudo agora reluzia com clareza, ocupando minhas idéias, e de tantas coisas passadas diversas eu inventava lembrança, de fatos esquecidos em muito remoto, nêles eu topava outra razão; sem nem que fôsse por minha própria vontade. Até eu não puxava por isso, e pensava o qual, assim mesmo, quase sem esbarrar, o todo tempo.

(...) E fui vendo que aos poucos eu entrava numa alegria estrita, contente com o viver, mas a - pressadamente." (GSV., 321) - grifo nosso

Observe-se a adversativa que contraria o modo com que se apresenta o enunciado precedente (aos poucos eu entrava numa alegria estrita, contente com o viver), determinando o estado de ser próprio daquilo que no contexto da obra é sinônimo de falha, imperfeição: - movimento (mas apressadamente eu entrava numa alegria estrita, contente com o viver).

A estabilidade, pois, é atributo inerente a Deus e ao Divino.

Portanto, ao demo que "é sem parar", contrapõe-se Deus, que

"nunca desmente" (GSV., 235)

"Senhor sabe: Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dêle..." (GSV., 35)

"Deus estável." (GSV., 219)

Afirmamos também, anteriormente, que Deus é o princípio e o fim da humanidade, dedução da análise da obra.

Mas não só estes dois pontos extremos do destino do homem, porque as águas do Urucuaia em seu fluir são as mesmas da nascente: claras aqui, já escuras em seu caminho rumo ao São Francisco; o homem que tem embotada a sabedoria nas travessias da vida, é o mesmo que proveio do núcleo divino de luz ao qual retorna.

Isto nos leva à conclusão seguinte: no movimento, no afastamento do ponto axial de sua pureza, a existência primordial, é onde se acha tudo o que se pode qualificar de diabólico: a dor, o ódio, a luta, o conflito, a ignorância. Por isso,

"O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver- " (GSV., 49)

"Ele vem no maior e no menor, se diz o grão-ti - nhoso e o cão miúdo. Não é, mas finge de ser. E esse trabalha sem escrúpulo nenhum, por causa que tem um curto prazo." (GSV., 229)

Nestas transcrições observamos o explícito da afirmação que nega ao demônio sua existência, justificando na carência do divino, sua presença apenas como estado, situação: - temporário, portanto. (12)

Neste estado diabólico do mundo, Deus não intervém na responsabilidade do homem em assumir suas opções, embora exerça contínua atração sobre o mesmo, conforme os subcapítulos anteriores.

Diz Riobaldo, o narrador:

"Deus é muito contrariado. Deus deixou que eu fôsse, em pé, por meu querer, como fui." (GSV., 316)

"Acho que Deus não quer consertar nada a não ser pelo completo contrato: Deus é uma plantação. A gente - e as areias." (GSV., 258)

"O senhor ouvia, eu lhe dizia: o ruim com o ruim, terminam por as espinheiras se quebrar - Deus espera essa ganância. Môço!: Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja. O senhor rela faca em faca - e afia - que se raspam. Até as pedras do fundo, uma dá na outra, vão-se arredondinando lisas, que o riachinho rola. Por enquanto, que eu penso, tudo quanto há neste mundo, é porque se merece e carece. Antesmente preciso. Deus não se comparece com refe, não arrocha o regulamento. Pra que? Deixa: bôbo com bôbo - um dia, algum estala e aprende: esperta." (GSV., 16)

Antes que prossigamos, temos de observar que as considerações em desenvolvimento, e as afirmações que fazemos, devem ser intimamente relacionadas com a sucessão de toda a problemática e conclusões estabelecidas até o presente, sem o que não se tem uma visão de conjunto, e do sistema com que desejamos tratar a cosmovisão da narrativa. Relembramos aqui o que já dissemos na "Introdução": os dados conclusivos são progressivamente acumulados ao longo do desenvolvimento numa inter-relação que, ao final, estruturam-se coesos num sistema ideológico.

De acordo com os textos coletados acima, se tudo neste sertão "se merece e carece", conclui-se que, Hermógenes, tanto quanto o "moço Jazevedão" (GSV., 17), são personagens condizentes ao merecimento do estado diabólico do mundo; mas como simples "estado", não o são definitivamente, pois que a estabilidade alcançável no céu (Riobaldo o conceitua como o "fim de fim" à página 19), é atributo da plenitude divina, que também o é do ser humano após sua completa purificação, e agora, em sua potencialidade, desde que o divino, imutável e perfeito, é parte integrante da natureza humana.

Eis porque Diadorim, às vésperas do decisivo encontro, não condena em si a Hermógenes, justificando a razão de seu sacrifício a "Menos vou, também, punindo por meu pai Joca Ramiro, que é meu dever, do que por rumo de servir você, Riobaldo, no querer e cumprir." (GSV., 404): não o ódio a Hermógenes, mas o amor por Riobaldo é a força impulsionadora do seu ato: - justificável tal atitude, desde que, aspecto detalhado na análise, Hermógenes é a personificação do Mal, melhor dizendo, da Ignorância, e Diadorim, a força divina e atrativa que envolve Riobaldo persuasivamente contra ele, o estado diabólico da natureza humana, o mal, o bem menor.

Assim, Deus que age na "lei do mansinho" (GSV., 21), não se revela ostensivamente, forçando as barreiras do estágio de evolução, compreensão e percepção humanas, porém, adequando-se ao mesmo. Exclama, pois, Riobaldo:

"Senhor, senhor - o senhor não puxa o céu antes da hora" (GSV., 320) ;

tal é o sucinto da observação de Riobaldo, evidenciando a proporcionalidade da manifestação do divino ao estágio de evolução do

homem.

De todos os ângulos pelos quais abordamos a obra, resulta: a única realidade de onde tudo vem e para onde tudo converge é Deus.

Estes dados vão permitir a abertura necessária para o capítulo seguinte, estabelecendo relação entre o texto verbal, narrativa de Riobaldo, e o figurativo que concentra no símbolo do  $\infty$  (Neutro) as propostas últimas da obra.

Auferimos desta seção de análise as seguintes ilações:

- a imanência do movimento na imperfeição, contrapondo-se à estabilidade do divino;
- a inexistência do diabo como ser, constituindo-se ele à denominação do estado de carência do divino, e dos efeitos advindos do mesmo;
- conseqüências:
  - a única realidade é Deus, princípio e fim da humanidade;
  - a sabedoria, fonte dos acertos, ou a ignorância, fonte dos erros, está na dependência da maior ou menor liberação do divino em cada pessoa. "Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho..." (GSV., 47), diz Quelemém.

## 2.5.0 $\infty$ (Neutro) na Obra

Objetivamos aqui apresentar a correspondência do símbolo do  $\infty$  com as propostas do texto ficcional, cujas informações acumuladas ao longo da análise desembocaram na realidade de Deus, a realidade absoluta, princípio e fim dos seres, princípio e fim da realidade humana.

Assim como já observamos na "Introdução", esta parte há de diferir do corpo do trabalho desenvolvido até o momento no que toca às fontes de informação: - o símbolo,  $\infty$ , exige um

estudo extrínseco à obra, obrigando-nos uma pausa na análise direta da narrativa.

A teoria que envolve o  $\infty$  representa a síntese da cosmovisão da obra; portanto, seus conceitos acham-se inseridos no relato de Riobaldo. Conforme o explícito na "Introdução", apenas neste segmento de análise esclarecer-se-ão os postulados emitidos no capítulo I, em sua íntegra.

Embora a narrativa, pelo seu caráter ficcional e obra de criação possa revelar posições que não as da experiência direta do Autor, o fato parece não se justificar em Guimarães Rosa, ao que crer podemos de suas afirmações em correspondências, discursos, e conversa entre amigos. Em carta a Vicente Ferreira o próprio Rosa assim se expressa:

"(...) O Grande Sertão: Veredas - que, por bizarra que V. ache a afirmativa, é menos literatura pura do que um sumário de idéias e crenças do autor, com buritis e capim devidamente semi-camuflados." (13)

Constatamos pela análise efetuada, um sistema ideológico que estrutura a ação romanesca, trazendo em suas imagens simbólicas, quais os buritis, a camuflagem acima sugerida pelo Autor. Não que tais observações sejam importantes à análise intrínseca da obra, cujas propostas, ela mesma em sua autonomia impõe, mas trazemo-las aqui como simples referência complementar.

O símbolo em foco,  $\infty$ , carece de explicação objetiva por parte de Rosa. O significado das ilustrações que estampam suas obras permanece ainda obscuro; nem mesmo Poty, um dos ilustradores de seus livros, confessa ter-se inteirado de seu sentido, executando as mesmas sob o mando e orientação do Autor. (14)

Na pesquisa em torno do sentido atribuído pelo nosso ficcionista, Guimarães Rosa, ao símbolo do  $\infty$ , consultamos a biblioteca do Autor, parte cedida ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, fixando-nos principalmente no compêndio de 1961 do Christian Science Journal, conjunto de periódicos que constituíram uma de suas leituras, citado por Sperber como o de mais farta anotação do símbolo em sua marginalia. (15) A pesquisa comprovou a nítida correspondência entre o símbolo e as conclusões de nossa análise sobre o Grande Sertão: Veredas.

Dezesseis signos do  $\infty$  foram anotados ao longo dos artigos (catorze nos de 1961, dois nos de 1960) com predominância de sua colocação no final dos mesmos. (16)

A teoria do  $\infty$  veio também confirmar nossa posição, formando no conjunto a coerência de dados, tudo convergindo para a unidade do sistema, seja ficcional, seja teórico, ou ambos conjugados, esclarecendo, igualmente, alguns aspectos obscuros no correr do estudo da obra, tal a descrição do local em cruz, mais de uma vez referido na narrativa.

Os grifos do Autor foram respeitados, e aqui transcritos na forma que os encontramos sublinhados no texto; também as anotações, respeitando, igualmente, sua colocação no espaço textual.

Dos dezesseis artigos acima, ou redações dos colaboradores do Christian Science Journal estudados, auferimos as idéias básicas, constatando a unidade de sua posição doutrinária que a baixo sintetizamos, ao mesmo tempo que observamos sua correspondência estreita com a ficção em análise. Não objetivamos com elas, é necessário esclarecer, a comprovação dos dados de nossa análise, cientes de que o romance é produto da imaginação. Mas, na carência de dados para a interpretação do símbolo que, em sua misteriosa presença fecha a narrativa de Riobaldo, elaboração de cunho intencional, desde que na obra, a vasculhação de fontes extra-literárias para esclarecimento das propostas ficcionais é necessária e desejável; especialmente, para que a obra ficcional ganhe maior valor como arte, captada pelo leitor em sua mais completa significação.

Assim, objetivamos com a síntese dos artigos do Christian Science, verificar as idéias que mereceram as notações do signo do  $\infty$  pelo Autor, levantando, com isto, a hipótese do provável sentido atribuído ao mesmo na ficção. Vejamos:

- a) Deus ou Verdade, ou Mente, como a realidade de todos os homens.
- b) A natureza divina do homem (conseqüência do item anterior); ênfase neste caráter divino:

"man is the perfect reflection of omniscient Mind right now." (17)

- c) A real liberdade do homem em sua intimidade com Deus:

"(...) There is no freedom except in that which God bestows; / no real satisfaction but that which is based on Spirit."/ (18)

- d) A negação do demônio como ente, termo apenas designativo do erro ou desarmonia com a expressão divina no homem. (O Christian Science emprega frequentemente o termo "espiritual" para a realidade divina e "material" para a falsa realidade da dor e da doença; falsa no sentido de constituir um desvio da harmonia cósmica, um desvio da natureza perfeita, essencial, do plano do Criador)
- e) Paz, alegria, segurança, pela purificação e espiritualização, conforme os ensinamentos de Cristo.
- f) O poder da oração nesta espiritualização:

"True prayer does not attempt to influence God to fulfil our desires. It brings our thought into a right relationship with Him and enables us to fulfil His demands upon us." (19)

"we must pray without ceasing" (I Thess. 5:17) ; we must constantly acknowledge the allness of God and nothingness of error." (20)

Observamos pelo grifo a importância atribuída à oração pelo Autor, Guimarães Rosa; há também na marginalia da frase

"There is nothing between God and man, no time, no space, no person, no matter, no flesh, no false theory" (21),

a anotação: "PRAYER". Esta anotação, junto às idéias do texto, contradiz o artigo no que toca à intimidade perfeita entre homem e Deus, sugerindo que a oração, "prayer", é o elo que estabelece tal comunhão; a justificativa de sua necessidade pode ser dada através de uma notação encimando o artigo de John Selover, "The Perfection of Reflection" (22): "Sou apenas o reflexo de Deus em água barrenta; mas a clarificar-se":- tal como a obra ficcional com o São Francisco de águas barrentas, vida neste plano terreno, e o homem a caminho ascensional de purificação.

Pelos apartes de Rosa aos textos de sua leitura, vimos que possui ele restrições quanto a se considerar o homem, assim como se expressa também a nota 17, "man is the perfect reflection of omniscient Mind right now", aquele ser perfeito que os adeptos do

Christian Science professam; admite Rosa a "clarificação" progressiva do ser humano, tomando-se aquela nota como base do que afirmamos.

Estes os textos e estas as idéias que levam o símbolo do  $\infty$  (Neutro).

Os artigos do Christian Science, baseados em experiências vividas, não abordam com bases científicas a doutrina. Reforçam através de repetições constantes, e pelo simples testemunho, as posições do esquema apresentado que, em última análise, podem ser resumidas no que segue:

"The essence of this Science: "right thinking and right acting - leading us to see spirituality and to be spiritual, to understand and to demonstrate God." (23)

Nele não há demonstração intelectual de Deus, e as considerações permanecem na base da experiência.

Entretanto, não nos compete neste trabalho, verificarmos a cientificidade ou a religiosidade dos textos. Interessa-nos, sim, o emprego que faz o Autor do símbolo do  $\infty$  anotado por ele nestes textos que centralizam o foco em Deus, a única realidade na qual se insere o homem.

Significativo neste sentido é a marginália de dois momentos que se diferenciam do modo geral de anotação de fim de texto: o símbolo acha-se colocado à margem de períodos grifados, tal como segue:

$\infty$  "(...) definition of God, given in Science and Health by Mrs. Eddy (P. 587), "The great I AM ; The all-knowing, all seeing, all-acting, all-wise, all-loving, and eternal; Principle; Mind; Soul ; Spirit; Life; Truth; Love; all substance, intelligence." (24)

$\infty$  "Christian Science teaches that true prayer is the constant recognition of God's omnipresence, omnipotence, and omniscience. " (25)

É nítido o sentido estabelecido pelo Autor ao  $\infty$  : ele simboliza Deus.

Esta pesquisa realizada após a análise da narrativa na forma em que a expusemos, veio confirmar nossas posições, comprovadas também pelo estudo teórico do símbolo, encontrando na ciência

cabalística a coerência da hipótese que corresponde o símbolo à proposta temática da obra, hipótese levantada pela observação de alguns quadros figurativos de Primeiras Estórias, ilustradas segundo este critério.

As digressões deste subcapítulo têm por escopo as considerações seguintes:

- a) menção do sentido dado ao símbolo do  $\infty$  pelo Autor em suas correspondências e nas notas de próprio punho nos textos de sua leitura;
- b) evidenciar a familiaridade do Autor com as ciências esotéricas onde fomos buscar apoio à interpretação do  $\infty$ , partindo da hipótese mencionada linhas atrás;
- c) fundamentar a interpretação do símbolo naquelas ciências que, na diversidade de suas manifestações, têm uma base comum de pensamento que os unifica;
- d) afirmar a relação do  $\infty$  com as propostas ficcionais do Grande Sertão: Veredas.

O ecletismo de suas leituras concernentes à espiritualidade deduz-se das obras que compõem o acervo de sua biblioteca, e das anotações à margem dos textos.

Em La Sainte Bible não encontramos nenhum símbolo do  $\infty$ , porém, a palavra hebraica "Malkuth" em Mateus, 2, e igualmente "Malkut" em Mateus, 4. Neste texto, "Mathieu", 4:17", há o grifo :

"Dès lors, Jésus commença à prêcher: "Faites pénitence, car le royaume des cieux est proche."

O termo hebreu atesta o conhecimento da cabala, na qual o "Malkut" ou o "Reino" é a décima sefira, ou atributo de Deus no conjunto constituído de dez atributos da Natureza divina.

Há também na biblioteca do Autor, um livro profusamente grifado, revelando leitura atenta e interesse pelas ciências ditas altas: La Clef des Choses Cachées, de Maurice Magre.

Embora tenhamos, entre outras, obras cabalísticas para a fonte de abordagem do  $\infty$  (Neutro), convém esclarecer que a antiguidade dos seus conhecimentos se perde em origens inseguras; temos a informação da existência do princípio que envolve o símbolo acima também na China de 5.000 anos atrás (26), época mencionada por Ant-Yves d'Alveydre, quando então supõe-se que o

mundo perdeu a homogeneidade de tais pensamentos (27): 3000 antes de Cristo, portanto.

Vejamos o que nos dizem os livros:

"Aunque la Cábala es hebrea, y las doctrinas y claves que contiene se refieren a los escritos judaicos, las enseñanzas de que se sirve y expone son universales, evidenciándose así que si bien algunas de ellas pudieron ser obra de los primeros patriarcas, la inmensa mayoría no sólo eran patrimonio de pueblos y civilizaciones anteriores, sino que estaban dedicadas a finalidades diferentes, posiblemente por los egipcios y babilonios a la astrología, y por los pobladores de la sumergida Atlántida a la magia, pero sin que los unos ni los otros hiciesen otra cosa que aplicar a ciertos fines los conocimientos que ya existían, y tal vez convirtiendo en ciencias separadas lo que en épocas anteriores había sido una ciencia única, siendo lógico concluir que así como existe un saber, transmitido por tradición, para interpretar las profecías y demás escritos sagrados, también existe otro que cumple el mismo cometido en lo que respecta a las demás ramas de la ciencia madre que guió los pasos del hombre anterior a los judíos, egipcios, babilonios, y en fin, a los padres y abuelos de cuanto se tiene noticia." (28)

Diz-nos num outro livro:

"Tout prêtre d'un culte ancien était un initié, c'est-à-dire qu'il savait parfaitement qu'il existait q'une seule religion et que les cultes ne servaient qu'à traduire cette religion aux différents peuples suivant leur tempérament particulier. De là découlait une importante conséquence, c'était qu'un prêtre, de quelque dieu que ce fût était reçu avec honneur dans tous les temples de tous les dieux et admis à leur offrir un sacrifice. Qu'on ne pense cependant que cela tenait au polythéisme." (29)

Vimos nas notas do Autor em Christian Science, que ele estabelece a correlação  $\infty$  = Deus. Também em uma correspondência a Vicente Ferreira da Silva, com a mesma conexão:

"Desconfio que sou individualista feroz, mas disciplinadíssimo. Com aversão ao histórico, ao político, ao sociológico. Acho que a vida neste planeta é caos, queda, desordem essencial, irremediável aqui, tudo fora de foco. Sou só religião - mas impossível de qualquer associação ou organização religiosa: tudo é o quente diálogo (tentativa de) com o  $\infty$ . O mais, Você deduz." (.l.) "Cris-

to ( o Cristo verdadeiro ) cabe; tem seu ensino indispensável. "Os mansos herdarão a terra"... O ensino central de Cristo, a meu ver, (o do "Reino do Céu" dentro de nós) é: 1) o domínio da natureza humana de cada um - pela fé, que é a forma mais alta e sutil de energia, à qual o universo é plástico; 2) o amor, possibilitando a coexistência, sem o mínimo sinal de atrito, conflito, desarmonia, destruição ou desperdício. Sobre esta plataforma, o Céu, as possibilidades infinitas de um sempre-evoluir, em plenitude, prazer, alegria ininterrupta; cada um invulnerável." (30)

Sentimos a ressonância destas idéias em Riobaldo, cujo ecletismo revela, subjacente ao plano objetivo ficcional, a unidade de concepção, não o caos da diversificação, abeberando-se do que existe de essencial em todas as religiões:

"Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as prece de compadre meu Quelemém, doutrina dêle, de Cardêque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos dêles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca." (GSV., 15)

Atendidos os propósitos dos itens "a" e "b" mencionados na página 62, abordaremos, a seguir, o  $\infty$  que, dentro do esoterismo cabalístico é tido como símbolo do divino.

Deus para os cabalistas, como para os hindus, é, em si, desconhecido dos homens. Designado, por isso, de "Ain-Soph", o Absoluto incompreensível e desconhecido, corresponde Ele ao "Brahma" (31) dos hindus.

O esoterismo admite que, se este Deus em si do qual tudo provém foge a qualquer definição, Ele é suscetível de ser conhecido em suas manifestações, única forma de alcance da inteligência humana, porquanto presentificado na experiência.

Nossa abordagem, portanto, sem anelarmos o Desconhecido que ultrapassa a condição humana de conhecimento, focalizará Deus ou a Unidade-princípio na manifestação, na experiência ou na criação, pois que tal é a fonte única de nosso entendimento.

Princípios divinos são, pois, estabelecidos, partindo-se da observação e experiência do mundo fenomênico, cuja organização e leis dizem de uma Mente dotada de Consciência e Inteligên-

cia reveladoras das mesmas leis.

Assim, tendo os antigos observado que o equilíbrio é, em física, a lei universal, e que resulta da oposição aparente de duas forças, concluíram, do equilíbrio físico ao equilíbrio metafísico, declarando que em Deus, isto é, na primeira causa vivente e ativa, se deviam de reconhecer duas propriedades necessárias uma à outra (32), de cujo equilíbrio promana o princípio da trindade, a lei do Absoluto. Submisso o mundo fenomênico a esta lei, passa a ser aquele princípio, o fundamento de toda a criação.

A Tríade ou Trindade é, pois, a unidade de três termos, ou a indivisibilidade de três princípios considerados em seu todo unitário: sendo a lei absoluta que se manifesta em toda a criação, é, pois, expressão da Divindade no Espaço e no Tempo, ou,

"o selo da Divindade manifestada em a Natureza";

conforme nos diz A Sabedoria Pitagórica, de Frederico Macé. (33)

Restringindo nosso estudo ao tema que nos interessa, inserido nas vastas possibilidades da pesquisa metafísica dos Antigos, propomo-nos a um comentário mais detalhado daquele princípio, "dogma universal", segundo Eliphaz Levi.

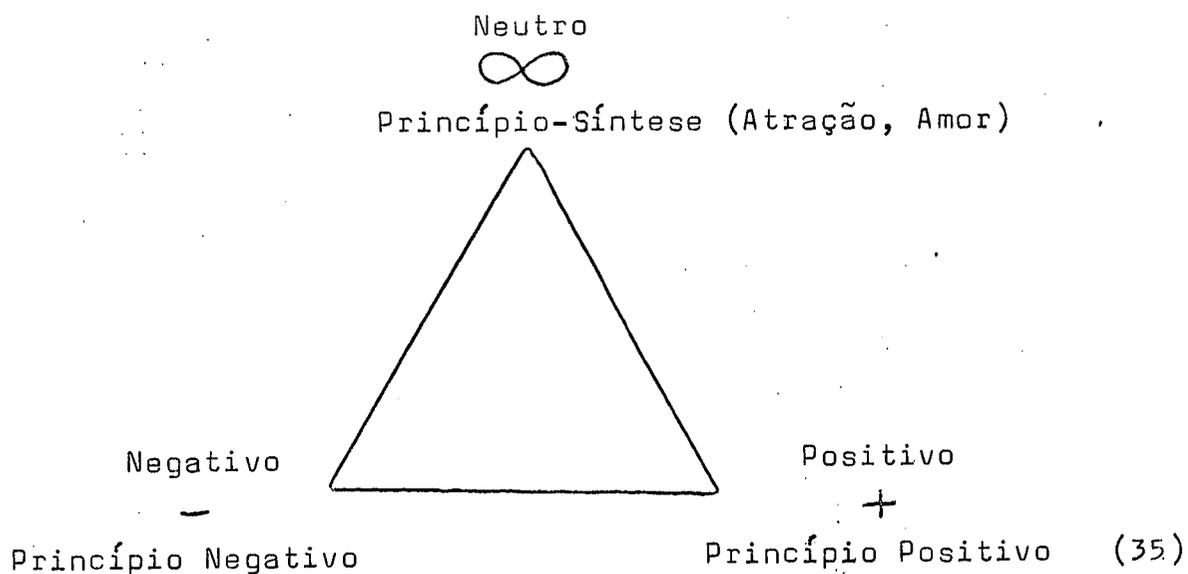
Base das teogonias, designando sob variegados nomes princípios idênticos, a Unidade se manifesta a ela mesma por três termos: o primeiro deles representa a Atividade Absoluta em sua ampla acepção, a origem de todo o movimento, de toda a força criadora e "masculina": é o princípio ativo por excelência. Designado por diversos nomes, fato que revela a homogeneidade de pensamento no mundo antigo, é Osiris no Egito, Brahmâ na Índia, Iod no nome cabalístico divino, l também na Cabala e Grécia pitagórica, Princípio Criador, Positivo, Ativo, todos identificados num fundamento comum.

A força criadora, entretanto, nada pode produzir senão opondo-se a si mesma, donde a polaridade que se lhe contrapõe e complementa, o segundo termo, a Passividade Absoluta, denominada, conforme sua oposição à seqüência acima, Isis, Vichnou, Hé, 2, Princípio Conservador, Negativo, Passivo.

O terceiro termo, como a origem de toda a síntese, resultante da ação dos dois opostos um sobre o outro, e participando dos dois, sem que lhes seja a soma, é a União Absoluta, portanto, AMOR em sua força magnética de Atração, origem de todo equilíbrio

e de toda a manifestação. Chamam-no Horus, Siva, Vau, 3, Princípio Transformador, Neutro (na terminologia de Wronski), Princípio Sintético.

A realidade deste ser sinteticamente constituído, representando a Tríade, ou a unidade dos três princípios, é "o corpo total de Deus" (34); sem que possamos, nesta unidade estrutural divina, absoluta, conceber as partes individualmente em seu fragmento, para fins de análise, conforme encontramos em textos de apresentação da cabala, podemos representá-los nos esquemas que seguem, chamando a atenção para o símbolo do  $\infty$  que toma lugar no ponto de convergência dos dois extremos complementares, a polaridade positiva e negativa, constituindo-se no terceiro termo da Trindade, ou seja, a Síntese, o corpo total de Deus, que criou o mundo manifestando-o sob as bases do mesmo princípio: como quer que o chame, Neutro, na terminologia de Wronski,  $\infty$  em sua simbologia; e Deus, conforme aparece no relato: o princípio e o fim dos seres, último signo da narrativa, tornando suportável a travessia, pois que estágio de evolução:



ou

+  
A Vida

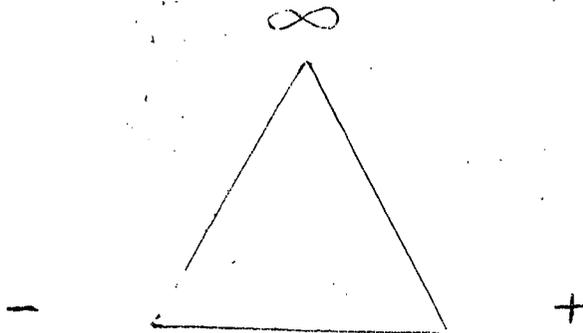
-  
O Verbo

$\infty$   
A Luz (36)

Do que foi comentado sobre a Natureza Divina, em si , impenetrável à inteligência humana, mas suscetível de conhecimento no princípio fundamental, a Trindade, princípio da manifestação, segue-se o esquema, síntese de toda explicação:

Princípio indeterminável:  
O Absoluto : Ain - Soph

Trindade Divina



Neste triângulo que não deve ser concebido como simples figura geométrica, está igualmente representado o processo da criação com seus movimentos de involução e evolução,

"the two forces being driven outward and then drawn inward, through the twofold force, "Will and Desire, until unity is reached" (37)

"Will" e "Desire", termos do livro de Raleigh, Occult Geometry, são empregados para designar os princípios positivo e negativo, ou a elétrica e magnética forças.

A Trindade assim constituída no Divino , 3 em 1, 1 em 3, encontra no plano humano e no físico, ambas emanações de Deus , ∞ , os mesmos princípios regendo sua manifestação; daí o constituir-se, regendo o Homem e a Natureza, o princípio triádico em Adão-Eva-Humanidade; Natureza naturante-Natureza naturada-Universo.

Correspondendo à Tríade o triângulo com o seu vértice determinado pela convergência dos dois lados, podemos aventar a possibilidade da correlação de sentido com as Veredas-Mortas, descritas pelo narrador à página 303. Registramo-la aqui em caráter hipotético:

"Sé esta coisa o senhor guarde: meia légua dali

um outro córrego-vereda, parado, sua água sem côr por sobre de barro preto. Essas veredas eram duas, uma perto da outra; e logo depois, alargadas, formavam um tristonho brejão, tão fechado de moidas, de plantas, tão apodrecido que em escuro: marimbus, que não davam salvação. Elas tinham um nome con-junto - que eram as Veredas-Mortas."

Veredas-Mortas: duas veredas paradas, confluindo num "brejão": a ausência de movimento, caracterizando o ser do divino na eternidade atemporal, diferente das veredas correntes de Rio - Baldo, com seus buritis ao flaflo do vento. Tal descrição, bastante sugestiva, sem o buriti que "cai seus côcos na vereda - as águas as mesmas replantam" (GSV., 285), contrapondo o ser ao devir, o eterno ao contingente, lembra o simbolismo do  $\infty$ , inerentes nele os dois princípios análogos às duas veredas paradas, confluindo na unidade da Tríade, a síntese representada pelo brejo, onde convergem as veredas: sacralização do espaço que, no esclarecimento de Quelemém, denominam-se Veredas Altas, opondo-se ao erro de Rio-Baldo que o relaciona com a morte, conotação negativa no contexto específico da situação.

A figura geométrica da cruz na descrição de um dos lugares fundamentais e decisivos da luta, Tamanduá-tão, traz em seu simbolismo, a mesma lei universal que tem no ápice a unidade do  $\infty$ .

Em Occult Geometry, do Autor já mencionado, Raleigh, obra na qual baseamos grande parte da explicação do símbolo em foco, temos as considerações que estabelecem a analogia do princípio nele contido com o princípio da trindade acima exposto, ao mesmo tempo que, implícito, afirma-se a evolução do espírito humano, princípio pacífico em todo o esoterismo.

Para o relacionamento do texto explicativo abaixo com a imagem simbólica da cruz sem a intersecção com que comumente se apresenta, temos de esclarecer que a forma original da cruz não deve ter um dos segmentos de linha. É, então, o Tau ( $\top$ ), a cruz egípcia, uma das formas as mais antigas.

"To illustrate the principle involved, suppose we draw a perpendicular line, which will represent the one force advancing from the starting point; in other words, it is the emanation of one principle, the bi-sexed emanation. In time we have this current of force, represented by the Line, parting, so the

line opens, becoming two converging lines at right angles. Thus we have the right hand electrical and the left hand magnetic lines flowing outward, forming the primitive Cross which is roughly represented by Egyptian Tau (...) The Cross in this form is the symbol representing a current of force parting and thus flowing in two opposite directions. We should not suppose that this is merely a current, for as a matter of fact, the current really does part and flow in just this way. It is the twofold masculine and feminine emanation coming out from the single bi-sexed emanation. Thus the Cross is the perfect symbol of the manifesting force, masculine and feminine. In other words, the separation through sex differentiation, is the source of manifestation, thus the descent of the Spirit into matter is made possible. All manifestation must necessarily be through the polarization of the two principles. It follows, therefore, that the return or the evolution of the Spirit, the forward cycle of progress must be through the polarization of the two principles and their return into unity, thus turning back the current, stopping the process of emanation and causing the forces to flow into the one center, (...) Crucifixion is, therefore, the destruction of that which is represented by the Cross, the turning inward instead of outward of the two sex principles." (38)

Considera, em seguida, a forma mais usada, duas linhas interseccionando-se no meio. Os mesmos princípios são envolvidos, atribuindo-se à linha horizontal o princípio magnético, símbolo da substância ou matéria, o aspecto feminino do ato criador. A linha vertical, pelo contrário, é o princípio ativo, elétrico, masculino, que penetra a substância, tendo na intersecção a neutralização das duas forças, a positiva e a negativa.

Do mesmo modo, em termos sucintos, a Síntese da Doutrina Secreta nos apresenta:

"A Cruz, dizem os cabalistas, é o símbolo mais antigo que se conhece. Os Iniciados apresentam-na como coeva com o Círculo do Infinito deífico, e com a primeira diferenciação da Essência, a união do Espírito e da Matéria." (39)

No livro já mencionado, La Clef des Choses Cachées, biblioteca de Guimarães Rosa, encontra-se a respeito da suástica, signo da religião da Índia, por excelência, o mesmo:

"Dans l'Inde antique, ce signe symbolisait le mouvement accompli dans la joie, la vie en marche vers la perfection. C'est le sens le plus vraisemblable

pour un signe qui était placé au seuil de tous les temples et dans tous les carrefours." (40)

Eliminar a dualidade para estabelecer a unidade é, então, no simbolismo da cruz, a meta do místico esotérico. O processo figurativamente expresso no Tau, a unidade se bipolarizando e se unificando novamente em seu retorno, determina a dupla corrente de

"Matérialisation progressive du Divin, ou INVOLUTION, et de Divinisation progressive du Matériel ou EVOLUTION (...)" (41)

Três momentos lhe são, portanto, atinentes:

- a)- o ponto de partida
- b)- o ponto de chegada
- c)- o que se passa entre a partida e a chegada.

Neste último, posição pacífica em todo o esoterismo que nos chegou ao conhecimento,

"L'homme matérialisé et soumis à l'influence des passions doit volontairement et librement retrouver son état primitif; il doit recréer son immortalité perdue. Pour cela il se réincarnera autant de fois qu'il le faudra jusqu'à ce qu'il ait su se racheter par la force universelle et toute puissance étre toutes: l'Amour." (42)

A Cruz, portanto, no seu simbolismo, expressa as mesmas virtudes do triângulo, que tem no Amor, ou na força atrativa, o ponto de convergência das duas polaridades, antagônicas e complementares.

O local em cruz, Tamanduá-tão, onde se verificam os morticínios em recíproca destruição, representa, pois, o conflito inerente à dualidade; conflito causado pela diferenciação oriunda do  $\infty$ ; porém, na dualidade das duas energias que se atraem mutuamente, a elétrica e a magnética, a positiva e a negativa, o caminho ascensional até sua neutralização. Em outras palavras, através das travessias da vida, a EVOLUÇÃO, retorno à Unidade, Deus, princípio universal da Trindade, princípio do Amor, princípio da Atração.

O movimento é, pois, inerente ao processo evolutivo, ao conflito ("O diabo na rua, no meio do redemunho"), às veredas, às águas correntes, aos buritis continuamente replantados. Só Deus "nunca desmente"; Ele é "definitivamente"; Ele, "estável": "esperan-

ça que transtorna mesmo "no meio do fel do desespero", domina o ser-tão da interioridade humana, onde o "diabo" não tem vez: eterno e imutável; não vendível.

O estudo deste subcapítulo completa todas as nossas colocações na abordagem da cosmovisão da obra.

No plano da manifestação onde "tudo é e não é" (item E.1 do capítulo I), polaridade negativa e positiva como forças contrárias e complementares, a destruição de uma das energias necessariamente determina o extermínio da outra, porquanto imprescindíveis reciprocamente; a dualidade ou a sexualização constitui a realidade do mundo fenomênico; o estado harmônico e sintético do  $\infty$  (Neutro), a realidade essencialmente divina.

Imperfeito, pois, é o mundo da dualidade, o mundo onde correm as veredas com seus buritis se alinhando ao longo das margens num movimento dinâmico de transformação. Imperfeito é o mundo e os homens longe do centro estável e imóvel da neutralização dos opostos. Diadorim morrendo, tem eliminado a dualidade em sua pessoa, integrando-se na ausência de movimento e conflito do  $\infty$  divino, fecho da obra: o fim, com o fim da causa do dinamismo, aquele afastamento, carência do divino, estado de Ignorância, de onde provém os males.

No contexto da dualidade e da máxima carência do divino manifesto em Hermógenes, os atos destruidores são-lhe consequência normal e automática. Mas, no triângulo divino,  $\triangle$ , constitui-se destino humano a evolução, através da força atrativa e persuasiva de Deus, imanente à natureza humana, intuída por Riobaldo na pessoa de Diadorim.

Não vemos, portanto, em todas estas concepções, a condenação do Mal em si, com seu peso de crítica moral presente em muitas religiões.

Deus é o Ser, a força que se expande em todo o Universo, e o mal, fruto do divino em nós ainda "no dentro do ferro de grandes prisões": - "O senhor escute o buritizal. E meu coração vem comigo." "Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro." "Travessia."

### CAPÍTULO III : CONCLUSÕES GERAIS E SÍNTESE

- A) Nos componentes estruturais da narrativa analisados neste trabalho, Deus se constitui o princípio e o fim do homem.
- B) No figurativo do  $\infty$ , símbolo-fecho da obra, a síntese altamente concentrada de toda uma significação que, através de princípios objetivos auferidos das leis do mundo da experiência, estabelece o princípio da Unidade na Trindade imanente na Onipotência divina, assinalado por Guimarães Rosa com o  $\infty$  no Christian Science Journal: trecho em que se lê: "The great I AM; Principle; Mind, Soul, Spirit, Life, Truth, Love; all substance, intelligence."
- C) A dualidade, característica das emanções divinas, estabelece o conflito entre ambos os termos, opostos entre si, mas um complemento imprescindível do outro: portanto, sertão polarizado negativa e positivamente, onde "tudo é e não é", um dos conceitos do termo.

A dualidade, conforme visto em 2.5., "O  $\infty$  (Neutro) na obra", é a marca do mundo afastado do centro divino de emanção, o Absoluto, ou Deus, ou Unidade, como queiram denominar as diversas correntes espirituais.

O Mal, portanto, como crime, como "pecado", com valor moral, é aliado das concepções do Grande Sertão: Veredas. O que existe é a carência do divino, causa do estado de ignorância em que vive o homem, cuja consequência manifesta em atos é o Mal.

- D) A origem divina, o  $\infty$  (Neutro), imanente e fonte de atração no homem polarizado negativa e positivamente, permite o esclarecimento do termo "sertão" como o intrínseco subjetivo de sua natureza, onde o transitório das coisas que se opõem ao divino não tem acesso.
- E) À vista destes dados, Diadorim torna-se um verdadeiro Universo E.a. bissexualização do manifestado: princípio masculino e feminino, positivo e negativo; jagunço e mulher; personificação da Coragem que assume seu lugar nas contingências do mundo jagunço da ignorância; personificação da Sabedoria como Mulher.
- E.b. neutralização dos dois pólos, manifesta objetivamente na

morte em combate a Hermógenes, personificação da Ignorância, ou Mal, sua consequência:- integração na Unidade primordial: deificação.

E.c. síntese das propostas do  $\infty$  , o divino em seu movimento de manifestação e retorno à estabilidade eterna.

Significativo é o termo já mencionado, MALCHUT ou MALKUT, anotação do Autor à margem do texto de Mateus, 2 e Mateus, 4, termo designativo da décima sefira, cujo centro se denomina Reino, na ciência cabalística.

Não seria demasiado coincidente chamar-se Diadorim também Reinaldo, e possuir em si todas as virtudes do Universo em sua dualidade manifestada, ao mesmo tempo que em sua trindade unificada, tal o Malkut,

"princípio plasmante que es raíz de todas las leyes", ou "el verbo em sua triple función de poder. creador, conservador y renovador" (43), ou "Shekinah" que, segundo o Glossário Teosófico de Blavatsky, "es el velo de Ain-Soph, lo Infinito y lo Absoluto" no conceito de todos os rabinos da Ásia Menor?

Nesta personagem reflete-se o homem, Riobaldo, o ainda inacabado, sem as qualidades idealizadas daquele que propõe, com sua atuação no relato, a montagem do Universo através da personificação de suas leis básicas, o princípio da Trindade que rege e une os céus e a terra.

Decorre , também, pela abrangente envolvência do princípio exposto, que o Sertão da narrativa, com seus semas a - barcando o mundo e o homem, possa participar de um contexto mais lato, o Universo, o Mundo da Manifestação, expandido pelo qualificativo que dá nome ao livro: Grande Sertão: Veredas; análoga , também, a temática de Siruiz, que no plano da vivência de Riobaldo, perfazendo os movimentos de saída, experiência, retorno, queira participar do todo da narrativa como uma réplica microscópica do movimento macroscópico do Universo-Humanidade, o próprio movimento divino de invólucro e evolução, manifestação do  $\infty$  absoluto; assim, a cruz.

Grande Sertão: Veredas, expressão que intitula e inicia a narrativa, focaliza no símbolo de suas veredas, as traves-

sias que constituem as vidas em evolução; narrativa que também apresenta, romanesca, as concepções embasadas na metafísica oriental, cuja teoria aqui exposta encontra paralelo na cabala, fonte maior de nossas pesquisas, tem no  $\infty$  que fecha a trajetória do relato, a razão de toda uma esperança que torna aceitáveis os conflitos da existência neste mundo distante do Amor, entendido o termo como centro divino de Atração.

- F) Neste mundo divino, conforme visto, alija-se a impossibilidade da redenção e o perpétuo sofrimento, significando o mal, fruto da ignorância, afastamento da luz divina do seu centro de emanção (44), percorrendo o mundo da dualidade onde "carece de ter coragem". Afirmando o desconhecimento do oculto, e sua ignorância profunda no que toca ao discernimento das causas que se ocultam no acontecer objetivo, Riobaldo é aquele que, confiante na Sabedoria, no Deus imanente em todos, princípio e fim da humanidade, enaltece a participação na vida com coragem, certo da experiência como aprendizagem necessária, enfrentando com ordem e trabalho as solicitações que surgem no acontecer das coisas:

"Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. (...) Existe é homem humano. Traves - sia." (GSV., 460)

- G) Conjugados estão, pois, ação, personagens, espaço, tempo, reflexões, elementos microestruturais da narrativa (45), abarcando o todo ficcional numa mensagem única que poderia sintetizar-se num único signo, equivalente em suas respectivas propostas: Diadorim,  $\infty$ , Sertão, Riobaldo.

Notamos, pois, a cosmovisão convergente a um núcleo centralizador, que podemos esquematizar conforme segue:

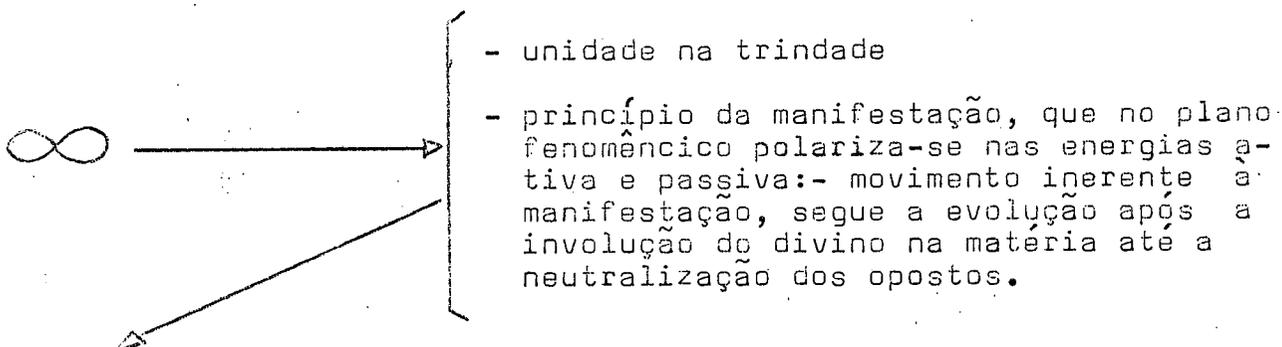


Princípio e fim da humanidade



- dualidade e conflito
- coragem e realização
- atração divina e evolução

ou,



- unidade na trindade

- princípio da manifestação, que no plano fenomênico polariza-se nas energias ativa e passiva: - movimento inerente à manifestação, segue a evolução após a involução do divino na matéria até a neutralização dos opostos.

analogia com DEUS : SERTÃO e seus semas (Deus manifestado):

-semas B e E.3. :- Mundo da experiência necessária

-semas C e D, E.1. e E.2. :- o Homem:

- dualidade e conflito: o objetivo, o subjetivo; o aparente, o oculto; a ignorância, a sabedoria; - polaridade negativa, polaridade positiva.
- movimento evolutivo rumo à neutralização divina.

Dos esquemas supra resulta claro a equivalência de sentidos que envolvem o  $\infty$  e o SERTÃO : DEUS.

## NOTAS

1. Tzvetan TODOROV, Estruturalismo e Poética, p. 54 a 57
2. "Tanto por exigir-lo asi los misterios que revelan, como para evitar que mentes no preparadas pudiesen profanarlos o pervertirlos, es tradicion que los Libros Sagrados están escritos en forma simbólica, inteligible únicamente para quienes sepan descifrarlos, ocurriendo que tanto el sentido de las profecias como el de las enseñanzas que esos Libros encierran no sólo está disimulado entre conceptos oscuros, sino que en muchos casos lo que expone no tiene la más mínima relación con el verdadero significado de lo que se oculta. Según los sabios hebreos, la clave para interpretar las Sagradas Escrituras y conocer el verdadero sentido del saber que atesoran, es La Cabala." (J. Iglesias JA - NEIRO, La Cabala de Prediccion, p. 41 e 42)

Saint-Yves d'Alveydre atribui dois sentidos à etimologia do termo: com "Q", significando "Transmissão, Tradição", e com "C", significando "Poder". (In PAPUS, La Cabbale, p. 8e9)

3. Dacanál, embora não afirme, levanta o problema e sugere um sentido para o  $\infty$  :

"Agora se pode compreender melhor porque o plano do presente - temporal e psicológico - em Grande Ser-tão: Veredas é e deve ser estático, porque sua estrutura é circular, não se pro-jetando no tempo (como ocorria no romance real-naturalista) e impondo o retorno ao início, ad infinitum ( a propósito, alguém já tentou interpretar o símbolo  $\infty$  que encerra o livro? (José Hildebrando DACANAL, Nova Narrativa Épica no Brasil, p. 45)

Nossa interpretação no presente trabalho não haverá de coincidir com o sentido sugerido pelo eminente crítico, abordando outros aspectos da significação do símbolo. Da mesma forma, embora coincidamos no que toca à negação do demônio como ser, problema que, comentado no ensaio acima mencionado, alertou primeiramente nossa consciência para o fato, os caminhos particulares tomados por esta dissertação levam a outras perspectivas com referência ao estado espiritual e consciencial de Riobaldo após o pacto.

Suzi Sperber nos diz:

"A preocupação posterior de Riobaldo, preocupação acerca do amor de Diadorim, por exemplo, (se veio de Deus ou do Diabo), acaba destruindo a barreira da razão entre os polos opostos, de modo a permitir uma final aceitação de ambos. Assim surge uma abertura para o infinito, como sugere o signo que conclui o livro." (Suzi Frankl, SPERBER, Caos e Cosmos, p. 118 e 119)

Considera-o no sentido de conciliação dos contrários, mas não se atém nos detalhes da explicação, que foge aos objetivos do trabalho.

4. Walnice GALVÃO, As Formas do Falso, p. 25.

5. In: Seleta de João Guimarães Rosa, p. 25
6. Mircea ELIADE, Tratado de História das Religiões, p. 231.
7. Designa-se "psicologia da forma", "à criação, na estrutura de uma obra literária, de um "desejo ou anseio (appetite) na mente do ouvinte e a satisfação adequada desse anseio"; ela se contrapõe à psicologia da informação, atinente à verdade científica. (Kenneth BURKE, Teoria da Forma Literária, p. 44 a 56)
8. J. Iglesias JANEIRO, La Cabala de Prediccion, p. 52.
9. Verbalmente esclarecidos em se constituir a "safira", pedra do signo de virginianos, falta-nos ainda uma pesquisa objetiva nesse sentido.
10. "Tempo" para Aristóteles é algo relacionado com o movimento. No conceito de sucessão temporal estão incluídos conceitos como os de "agora", "antes" e "depois". Estes dois últimos conceitos são fundamentais, pois não haveria nenhum tempo sem um "antes" e um "depois". Daí que se possa definir o tempo como "a medida do movimento segundo o antes e o depois.
- Os conceitos de tempo e movimento estão vinculados entre si tão estreitamente que são interdefiníveis: medimos o tempo pelo movimento, mas também o movimento pelo tempo." (José Ferrater MORA, Dicionário de Filosofia, v.II)
- Santo Agostinho no "Livro Onze" das Confissões, p. 291 a 321, apresenta as dificuldades em definir o tempo com base em critérios exteriores ao homem, encontrando solução ao estabelecer a correspondência: no recordar, no esperar e no estar atento, define-se o passado, o futuro, o presente. Com relação a Deus, tem-se a "eternidade": "Os vossos anos são como o dia, e o vosso dia não se repete de modo que possa chamar-se quotidiano, mas é um perpétuo "hoje", porque este vosso "hoje" não se afasta do "amanha", nem sucede ao ontem."
- Ainda no Dicionário mencionado, Plotino define a eternidade como "o momento de absoluta estabilidade da reunião dos inteligíveis num ponto único." Por conseguinte, a eternidade "encontra-se sempre no presente; é o que é e é sempre o que é". (Tal conceito vai ter estreita relação com as idéias trazidas pelo capítulo II deste trabalho, secção 2.5.)
- Considerando, pois, o texto ficcional, "imperfeição, "fluxo e transição" ou "vida da morte", estão relacionados com a idéia de tempo, que encontra sentido no mundo objetivo ao se opor à eternidade divina.
11. Sabemos que à voz que fala, o narrador, subjaz um pensamento que dita, o Autor, e o homem que nele há. Entendemos que o narrador, em termos de análise literária, deve colocar-se numa realidade independente da do escritor. Não vamos entrar no mérito da questão, mas no caso da presente obra, verificamos correspondência assaz profunda entre as concepções do Autor e as do personagem narrador, Riobaldo. Significativo nesse sentido o trecho do Discurso de Posse do Autor à Cadeira dos Imortais na Academia Brasileira de Letras, evidenciando aquela coincidência: o excerto discorre sobre as divergências entre Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, a quem Guimarães Rosa haveria de substituir: "De mais, não se pisaram nem cuspiram nos ponchos, haveriam de en-

tender-se, cavalheirescamente, mas por vinculação predeterminada e obedecida, acima de dessemelhanças ou revergências no obscuro e ambíguo das causas transitórias. Lembremo-nos sempre do que ainda não houve. Retirou-lhes a tragédia a extensão dessa substância amorfa e escolhedora - o tempo. Esta horária vida não nos deixa encerrar parágrafos, quanto mais terminar capítulos. Entanto que, como viável esteira do próprio tempo, só nos resta, a nós, cegos rastreadores, o desconjuntado floco de uma má montagem. Recordo: "As coisas estão amarradinhas é em Deus!". (In: Em Memória de João Guimarães Rosa, p. 15 e 16)

12. Fato já atestado pela crítica, diferimos aqui em suas implicações, conforme o andamento do trabalho haverá de evidenciar.
13. In: Suzi Frankl SPERBER, Caos e Cosmos, p. 86.
14. In Em Memória de João Guimarães Rosa, p. 119, lê-se o comentário seguinte a página ilustrada do Grande Sertão: Veredas:  

"Acaso será fácil adivinhar o que são esses desenhos cabalísticos? Por certo que não: pois são desenhos que Poty executou - a pedido de Rosa e tudo por êle sugerido ou esboçado - para as orelhas da 2ª edição de Grande Sertão. E por sinal que Rosa desistiu deles, encomendando outros que saíram naquela e nas subseqüentes edições. Observem nos títulos a omissão de tôdas as vogais. Procuramos com Poty identificar os símbolos que êle desenhara há anos. Em vão: nada sabia. Rosa sugeria-lhe os motivos mas nada explicava. A indicação de 1ª e 2ª orelha, nos desenhos, é do próprio Rosa."
15. Suzi Frankl SPERBER, Caos e Cosmos, p. 86.
16. In : The Christian Science Journal:
  - 16.1. Nov., 1960:
    - Ralph E. WAGERS, "The Theory and Practice of Christian Science".
    - Harold David JOFFE, "Receptivity to the Light of Truth".
  - 16.2. Jan., 1961:
    - Floyd C. SHANK, "Scientific Practice is Defense against malpractice".
    - Kenny L. BAKER, "Healing the Hurricans of Mortal Beliefs"
    - Claire CHANCELLOR, "Protection from Invasion".
    - Dorothy Christiane Mc MICHING, "Testimonies of Christian Science Healing".
  - 16.3. Feb., 1961:
    - Barbara Kinsley KOEHLER, "Make it Day Count!"
    - Thomas R. JOERDER, "Using What We Know!"
    - Glanville Le SUEM, "Meeting God's Demands".
    - ? , "He will not Fail Thee".
  - 16.4. April, 1961:
    - Marion D. Mac ACNN, "Lifting Through Higher".
    - Norman B. HOLMES, "The Talent of Spirituality".
    - Myrthe A. CASH, "The Grace and Power of the Christ Ideal"
    - ? , "Time and Need"
  - 16.5. June, 1961:
    - Caroline M. SMILEY, "The Desideratum: Instantaneous Healing".

17. Harold David JOFFE, "Receptivity to the Light of Truth". In: The Christian Science Journal, Nov., 1960.
18. Marion D. Mac HIGHER, "Lifting Thought Higher". Ibidem, April, 1961.
19. Glanville Le SUEM, "Meeting God's Demands". Ibidem, Feb., 1961.
20. Caroline M. SMILEY, "The Desideratum: Instantaneous Healing". Ibidem, June, 1961.
21. Marion D. Mac CANN, "Lifting Thought Higher". Ibidem, April, 1961.
22. John SELOVER, "The Perfection of Reflection". Ibidem, June, 1961.
23. Norman B. HOLMES, "The Talent of Spirituality". Ibidem, April, 1961.
24. Caroline M. SMILEY, "The Desideratum: Instantaneous Healing". Ibidem, June, 1961.
25. Idem, ibidem.
26. Pierre WEIL, Esfinge, p. 76.
27. PAPUS, La Cabbale, p. 7.
28. J. Iglesias JANEIRO, La Cabala de Prediccion, p. 43.
29. PAPUS, Le Tarot, p. 18.
30. In: Paulo DANTAS, Sagarana Emotiva, p. 9.
31. René GUÉNON, Introducción general al estudio de las doctrinas Hindúes, p. 195.  
René Guénon distingue o termo neutro "Brahma" do masculino "Brahmâ", não admitindo a forma em uso "Para-Brahma" nomeando o Absoluto.
32. Eliphas LÉVI, Doqma e Ritual da Alta Magia, p. 138.
33. Frederico MACÉ, A Sabedoria Pitagórica, p. 36.
34. In PAPUS, Le Tarot, p. 231.
35. Idem, ibidem, p. 232.
36. Idem, ibidem, p. 234.
37. A. S. RALEIGH, Occult Geometry, p. 20.
38. Idem, ibidem, p. 23 a 26.
39. Helena P. BLAVATSKY, Síntese da Doutrina Secreta, p. 226.
40. Maurice MAGRE, La Clef des Choses Cachées, p. 32.

41. PAPUS, Le Tarot, p. 228.
42. Idem, La Cabbale, p. 147.
43. J. Iglesias JANEIRO, La Cabala de Prediccion, p. 297; o termo "renovador" substitui o vocábulo "neutro" aqui empregado: princípio da manifestação.
44. "Le mal vient de l'affaiblissement sucessif de la lumière divine qui, par son erradiation ou émanation, a créé le monde;" (Grande Encyclopedie, article "Cabbale", apud PAPUS, La Cabbale, p. 32).
45. As "microestruturas" são categorias fundamentais da prosa de ficção, compreendendo: "as personagens, o tempo, o lugar; a ação, o ponto de vista narrativo, os expedientes de linguagem (o diálogo, a descrição, a narração e dissertação)". (Massaud MOISÉS, Guia Prático de Análise Literária, p. 85).

## BIBLIOGRAFIA

### BIBLIOGRAFIA DO AUTOR:

1. ROSA, João Guimarães. Sagarana. 16ª ed., Rio, Livraria José Olympio Editora, 1973.
2. Idem. Corpo de Baile (sete novelas). 2ª ed., Rio, Livraria José Olympio Editora, 1960.
3. Idem. Grande Sertão: Veredas. 8ª ed., Rio, Livraria José Olympio Editora /1972/
4. Idem. Primeiras Estórias. 6ª ed., Rio, Livraria José Olympio Editora em convênio com o Instituto Nacional do Livro /MEC/ 1972.
5. Idem. Tutaméia (Terceiras Estórias). 4ª ed., Rio, Livraria José Olympio Editora, 1976.
6. Idem. Estas Estórias. Rio, Livraria José Olympio Editora, 1969.
7. Idem. Ave Palavra. Rio, Livraria José Olympio Editora, 1970.

### BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR:

1. BOLLE, Willi. Fórmula e Fábula /São Paulo/ Editora Perspectiva/ 1973/
2. BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo, Editora Cultrix /1970/ p. 481 a 488.
3. BRASIL, Assis. Guimarães Rosa (ensaio) /Rio/ Organização Simões Editora /1969/
4. CÂNDIDO, Antônio et alii. Diálogo - Revista de Cultura. São Paulo, Sociedade Cultural "Nova Crítica", nº 8, nov. de 1957.
5. CÂNDIDO, Antônio. Tese e Antítese (ensaios). 2ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional /1971/
6. COELHO, Nelly Novaes e VERSIANI, Ivana. Guimarães Rosa (Dois estudos). São Paulo, Edições Quiron Ltda. em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1975.
7. DACANAL, José Hildebrando. Nova Narrativa Épica no Brasil / Porto Alegre/ Livraria Sulina Editora em convênio com o Instituto Nacional do Livro / 1973.
8. Idem. Realismo Mágico. Porto Alegre, Editora Movimento /1970/
9. DANIEL, Mary L. João Guimarães Rosa: Travessia Literária. Rio,

Livraria José Olympio Editora, 1968.

10. DANTAS, Paulo. Sagarana Emotiva /São Paulo/ Livraria Duas Cidades, 1975.
11. GALVÃO, Walnice Nogueira. As Formas do Falso. São Paulo, Editora Perspectiva /1972/
12. GARBUGLIO, José Carlos. O Mundo Movente de Guimarães Rosa / São Paulo/ Editora Ática / 1972 /
13. LIMA, Luiz Costa. A Metamorfose do Silêncio (Análise do Discurso Literário) /Rio, Guanabara/ Livraria Eldorado Tijuca Ltda./ 1974.
14. Idem. Por que Literatura. Petrópolis, Vozes, 1969, cap. III.
15. LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA. Em Memória de João Guimarães Rosa. Rio, 1968.
16. NUNES, Benedito. O Dorso do Tigre. 2ª ed., Rio, Editora Perspectiva /1976/ cap. Guimarães Rosa, p. 143 a 210.
17. OLIVEIRA, Franklin. "Guimarães Rosa". In: COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. 2ª ed., Rio, Editorial Sul Americana S.A., 1970, v. V, item V do cap. "O Modernismo na Ficção", p. 402 a 449.
18. PROENÇA, M. Cavalcanti. "Trilhas do Grande Sertão". In: Augusto dos Anjos e outros ensaios. Rio, José Olympio, 1964.
19. RÓNAI, Paulo. Seleção de João Guimarães Rosa. Rio, Livraria José Olympio Editora, 1973.
20. SCHWARZ, Roberto. A Sereia e o Desconfiado (ensaios críticos). Rio, Editora Civilização Brasileira S.A. /1965/ cap. "Grande Sertão: a fala", p. 23 a 27 e "Grande Sertão e Dr. Faustus", p. 28 a 36.
21. SPERBER, Suzi Frankl. Caos e Cosmos - Leituras de Guimarães Rosa /São Paulo/ Livraria Duas Cidades, 1976.
22. XISTO, Pedro et alii. Guimarães Rosa em Três Dimensões. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura /1970/

#### BIBLIOGRAFIA PARA TÉCNICA E TEORIA

1. ATAIDE, Vicente. A Narrativa de Ficção. 3ª ed. revista, São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Editora Mc Graw-Hill do Brasil Ltda. /1975/
2. BLAVATSKY, Helena P. Síntese da Doutrina Secreta. Introdução, organização, seleção e tradução de textos por Cordélia Alvarenga de Figueiredo. São Paulo, Editora Pensamento /1975/

3. BRUNTON, Paul. A Sabedoria do Eu Superior. Tradução de Rafael Falco. Título do original inglês: The Wisdom of the Overself. São Paulo, Editora Pensamento /1974/
4. BURKE, Kenneth. Teoria da Forma Literária. Tradução de José Paulo Paes. Título do original inglês: Counter-Statement. São Paulo, Editora Cultrix e colaboração do Departamento Editorial da Universidade de São Paulo /1969/
5. BARTHES, Roland et alii. Análise Estrutural da Narrativa. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Título do original francês: L'Analyse Structurale du Récit / Petrópolis/ Vozes/ 1971/ p. 7 a 59 e 211 a 275.
6. BARTHES, Roland. Novos Ensaios Críticos seguidos de O Grau Zero da Escritura. Tradução de Heloysa de Lima Dantas ; Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. Título do original francês : Le Degré Zéro de L'écriture suivi de Nouveaux Essais Critiques. São Paulo, Editora Cultrix /1974/
7. BUYSENS, Eric. Semiologia & Comunicação Lingüística. Tradução de Izidoro Blikstein. Título do original francês: La Communication et l'Articulation Linguistique. São Paulo, Editora Cultrix e colaboração do Departamento Editorial da Universidade de São Paulo, 1ª parte.
8. CÂNDIDO , Antônio et alii. A Personagem de Ficção. 3ª ed., São Paulo, Editora Perspectiva.
9. CASSIRER, Ernst. Linguagem e Mito. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schanaiderman. Título do original alemão: Sprache und Mythos /São Paulo/ Editora Perspectiva /1972/
10. DILTHEY, Wilhem. Teoria de la Concepción del Mundo. Versão e prólogo de Eugênio Imaz. Original em alemão. México, Fondo de Cultura Economica, 1945.
11. ECO, Umberto. Obra Aberta. 2ª ed., São Paulo, Editora Perspectiva /1971/
12. ELIADE, Mircea. El Mito del Eterno Retorno (arquetipos y repetición). Tradução de Ricardo Anaya. Título do original francês : Le Mythe de l'eternel retour (Archétypes et répétitions). Madrid, Alianza Editorial /1972/
13. Idem. Imágenes y Simbolos. Tradução de Carmen Castro. Título do original francês: Images et Symboles. 2ª ed., Espanha, Taurus Ediciones, S.A.; 1974.
14. Idem. Mito e Realidade. Tradução de Pola Civelhi. Título do original inglês: Myth and Reality /São Paulo/ Editora Perspectiva/ 1972/
15. Idem. Tratado de História das Religiões. Tradução de Natália Nunes e Fernando Tomaz. Título do original francês: Traité d'histoire des Religions. Lisboa. Edições Cosmos /1977/
16. FREIRE, Antônio J. Ciência e Espiritismo (Da Sabedoria Antiga à

Época Contemporânea). Federação Espírita Brasileira - Departamento Editorial. 2ª ed., Rio.

17. FRYE, Northrop. Anatomia da Crítica. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Título do original inglês: Anatomy of Criticism. São Paulo, Editora Cultrix.
18. Idem. "Littérature et Mythe". In: Poétique, revue de théorie et d'analyse littéraires, Paris, 1971, nº 8, p. 489 a 503.
19. GENETTE, Gérard. Figuras. Tradução de Ivonne Floripes Mantoa Nelli. Título do original francês: Figures. São Paulo, Editora Perspectiva S.A. /1972/
20. GOZZELINO, Giorgio. I Grandi Temi del Contenuto della Catechesi. 2ª ed. revista, Torino, Elle Di Ci, 1974.
21. GRANGER, Jacques Charles - Michel. La Alquimia ? superciencia extra-terrestre? Tradução de J. Ferrer Alen. Título do original francês: L'Alchimie, Superscience Extra-terrestre? 1ª ed. /Espanha/ Plaza & Janes, S.A. Editores /1972/
22. GREIMAS, A. J. Semântica Estrutural (Pesquisa de Método). Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Elikstein. Título do original francês: Sémantique Structurale - Recherche de Méthode. São Paulo, Editora Cultrix /1973/
23. Idem. Sobre o Sentido (Ensaio Semiótico). Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar et alii. Petrópolis, Vozes, 1975, p. 36 a 45.
24. GUÉNON, René. Introducción general al estudio de las Doctrinas Hindúes. Tradução de Rafael Cabrera. Título do original francês: Introduction générale a l'étude des doctrines hindoues. Buenos Aires, Editorial Rosada S.A., 1945.
25. Idem. La Grande Triade. 10ª ed., France, Librairie Gallimard, 1957.
26. GUIRAUD, Pierre. A Semântica. Tradução e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas. Título do original francês: La Sémantique. São Paulo, Difusão Européia do Livro /1972/ cap. I a IV.
27. JANEIRO, Iglesias. La Arcana de los Numeros. Buenos Aires, Editores Publicaciones Utilidad, 1942, p. 130 a 131; 142 e 151; 193 a 203.
28. Idem. La Cabala de Prediccion. 7ª ed., Buenos Aires, Editorial Kier S.A. /1976/
29. JOLLES, André. Formas Simples. Tradução de Álvaro Cabral. Título do original alemão: Einfache Formen. São Paulo, Editora Cultrix /1976/
30. JUNKES, Lauro. As Visões do Narrador em O Forte de Adonias Filho e a trajetória de uma cosmovisão. Dissertação submetida a Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestre em Letras - Literatura Brasileira - 1976, parte I: Fundamentação Teórica.

31. KARDEC, Allan. O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo. Tradução da FEB, Rio, edição de 1972. Edição especial revista por Ubiratan Rosa. São Paulo, Editora e Encadernadora Lumen Ltda.
32. Idem. O Evangelho segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. Título do original francês: L'Évangile selon le Spiritisme. Rio, Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, 1944.
33. Idem. O Livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. Título do original francês: Le Livre des Esprits. Rio, Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, 1944.
34. LANGER, Susanne K. Ensaio Filosófico. Tradução de Jamir Martins. Título do original inglês: Philosophical Sketches. São Paulo, Editora Cultrix /1971/
35. La Sainte Bible (version nouvelle d'après les textes originaux par les moines de Maredsous). Namurç, Editions de Maredsous, 1949. (da biblioteca de Guimarães Rosa)
36. LE GUERN, Michel. Semântica da Metáfora e da Metonímia. Porto, Livraria Telos Editora, 1974, p. 65 a 81.
37. LEVI, Eliphas. Dogma e Ritual da Alta Magia. Tradução de Rosabris Camaysar. São Paulo, Editora Pensamento /1974/
38. MACÉ, Frederico. A Sabedoria Pitagórica. Tradução de Eduardo Alfonso. Título do original espanhol: La Sabiduría Pitagórica. 2ª ed., Curitiba, Instituto Neo-Pitagórico.
39. MAGRE, Maurice. La Clef des Choses Cachées. Paris, Fasquelle Éditeurs /1935/ (da biblioteca de Guimarães Rosa)
40. MARQUES, Oswaldino. Teoria da Metáfora & Renascença da Poesia Americana. Rio, Livraria São José, 1956, cap. "Teoria da Metáfora", p. 11 a 52.
41. MEHL et alii. Le Symbole. Strasbourg, Faculté de Théologie Catholique, 1975.
42. MENDILLGW, A.A. O Tempo e o Romance. Tradução de Flávio Wolf. Título do original inglês: Time and the Novel. Porto Alegre, Editora Globo /1972/
43. MEYERHOFF, Hans. Time in Literature. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1968.
44. MIRANDA, Caio. A Libertação pelo Yoga. Rio, 1960. (da biblioteca de Guimarães Rosa).
45. MOISÉS, Massaud. Guia Prático de Análise Literária /2ª ed./ São Paulo, Editora Cultrix /1970/

46. MONDOLFO, Rodolfo. O Infinito no Pensamento da Antigüidade Clássica. Tradução de Luiz Darós. Título do original espanhol: El Infinito en el Pensamiento de la Antigüedad Clásica. São Paulo, Editora Mestre Jou /1968/
47. OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A. O Significado de Significado. Tradução de Álvaro Cabral. Título do original inglês: The Meaning of Meaning. Rio, Zahar Editores /1972/ p. 30 a 44.
48. PAPUS, La Cabbale. Tradition Secrète de L'Occident ouvrage précédé d'une lettre d'Al. FRANCK (de l'Institute et d'une étude par Saint-Yves d'Alveydre. 2<sup>a</sup> ed., - considérablement augmentée renfermant de nouveaux textes de Lenain, Eliphas Levi, Stanislas de Guaita, Dr. Marc Haven, Sédir, J. Jacob, Saïr et une traduction complète du Sepher Iezirah. Suivi de la réimpression partielle d'un traité cabalistique du Chev. DRACK. Paris, Librairie Générale des Sciences Occultes, Bibliothèque Chacornac, 1903.
49. Idem. Le Tarot des Bohémiens. 2. ed., Paris, Hector et Henri Durville Editeurs /1911/
50. Idem. Traité Méthodique de Science Occulte. Paris, Georges Carré Editeur, 1891.
51. PIAZZA, Waldomiro O. Introdução à Fenomenologia Religiosa. Petrópolis, Vozes, 1976.
52. POUILLON, Jean. O Tempo no Romance. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Título do original francês: Temps et Roman. São Paulo, Editora Cultrix e Departamento Editorial da Universidade de São Paulo /1974/
53. PRINCE, Gerald. "Introduction à l'étude du narrataire". In: Poétique, revue de théorie et d'analyse littéraires, Paris, 1973, n<sup>o</sup> 14, p. 178 a 196.
54. RALEIGH, A.S. Occult Geometry. Chicago, Illinois, U.S.A., The Hermetic Publishing Company /1932/
55. RAMOS, Maria Luiza. Fenomenologia da Obra Literária / 2<sup>a</sup> ed./ Rio, São Paulo, Forense /1972/
56. SADHU, Manis. El Tarot. Versión española de la 2. edición inglesa por Hector Vicente Morel.
57. SANTO AGOSTINHO. Confissões. 8<sup>a</sup> ed., Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1975, "Livro Onze: O Homem e o Tempo", p. 302 a 322.
58. SANTOS, Mário Ferreira dos. Tratado de Simbólica. 2<sup>a</sup> ed., São Paulo, Livraria e Editora Logos Ltda. /1959/ v. VI da Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais.
59. SCHAFF, Adam. Introdução à Semântica. Tradução de Célia Neves. Título do original inglês: Introduction to Semantics. Rio, Civilização Brasileira, 1968, cap. II, "O Signo: análise e tipologia".

60. The Christian Science Journal. Boston, The Christian Science Publishing Society, 1960.
61. Idem, Jan.-June, 1961.
62. TODOROV, Tzvetan. "A Descrição da Significação em Literatura". In: BARTHES, Roland et alii. Literatura e Semiologia. Tradução de Célia Neves Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972, p. 148 a 159.
63. TODOROV, Tzvetan. As Estruturas Narrativas. Tradução de Moysés Baumstein. 2ª ed., São Paulo, Editora Perspectiva /1970/
64. Idem. Estruturalismo e Poética. Tradução de José Paulo Paes. Título do original francês: Poétique, incluído no volume Qu'est-ce-que le Structuralisme? / 2ª ed. / São Paulo, Editora Cultrix /1971/
65. WEIL, Pierre. Esfinge: Estrutura e Mistério do Homem. Petrópolis, Vozes, 1973.
66. WELLEK, René & Warren, Austin. Teoria da Literatura. Tradução de José Palla e Carmo. Título do original inglês: Theory of Literature. 2ª ed., Publicações Europa-América.